

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA –UFSC

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**SIBILANTES CORONAIIS - O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO E A
DITONGAÇÃO EM SÍLABAS TRAVADAS NA FALA DE FLORIANOPOLITANOS
NATIVOS: UMA ANÁLISE BASEADA NA FONOLOGIA DA GEOMETRIA DE
TRAÇOS**

CARINE HAUPT

FLORIANÓPOLIS

2007

CARINE HAUPT

**SIBILANTES CORONAIIS - O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO E A
DITONGAÇÃO EM SÍLABAS TRAVADAS NA FALA DE FLORIANOPOLITANOS
NATIVOS: UMA ANÁLISE BASEADA NA FONOLOGIA DA GEOMETRIA DE
TRAÇOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Lingüística.

Prof. André Berri, Dr. – Orientador

FLORIANÓPOLIS

**SIBILANTES CORONAIS - O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO E A
DITONGAÇÃO EM SÍLABAS TRAVADAS NA FALA DE FLORIANOPOLITANOS
NATIVOS: UMA ANÁLISE BASEADA NA FONOLOGIA DA GEOMETRIA DE
TRAÇOS**

Por

CARINE HAUPT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística de Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Linguística pela Banca Examinadora formada por:

Presidente: Prof. André Berri, Dr. – Orientador

Membro: Prof^a. Cláudia Regina Brescancini, Dra., PUC-RS

Membro: Prof^a Izabel Cristine Seara, Dra., UFSC

Membro Suplente: Prof^a. Edair Görski, Dra., UFSC

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. André Berri, pela orientação desta dissertação.

À Prof^a. Edair Görski, pela ajuda fundamental no manejo do programa VARBRUL e pelos esclarecimentos a respeito da análise dos dados.

Aos colegas do programa de Pós-Graduação em Lingüística, especialmente Leandra de Oliveira, Francine Silveira e Maritana Onze, pela amizade durante a nossa trajetória.

Ao povo da Freguesia do Ribeirão da Ilha, por ter me recebido amigavelmete e concedido as entrevistas.

À CAPES (Coordenação de Pessoal de Aperfeiçoamento de Ensino Superior), pelo apoio financeiro dado através da concessão da Bolsa de Mestrado.

A todos que, direta ou indiretamente, apoiaram a realização desta dissertação.

RESUMO

Nesse trabalho, apresentamos um estudo sobre o processo de palatalização da sibilante coronal em coda e de ditongação em sílabas travadas por /S/, com base em dados de um *corpus* lido. Os dados foram coletados na localidade do Ribeirão da Ilha. O método usado para a escolha dos informantes foi o aleatório estratificado, envolvendo um total de 24 pessoas. O nosso *corpus* foi montado de modo a abranger contextos estruturais diversos, totalizando 68 frases. Com enfoque na sociolingüística laboviana e na Fonologia da Geometria dos Traços, analisamos o papel das variáveis estruturais e sociais nos dois fenômenos. Além disso, comparamos os resultados acerca da palatalização com um estudo anterior, feito na mesma localidade com um *corpus* de fala espontânea (Brescancini, 1996), a fim de verificar em que medida a questão do estilo afeta o fenômeno. Nossos resultados mostraram que os contextos em que houve retração e elevação do corpo da língua (consoantes dorsais e vogais labiais e dorsais) favoreceram o uso da variante palato-alveolar. Os resultados referentes às variáveis sociais apontam para um indício de influências externas no sentido de não-palatalização, considerando que Florianópolis vem recebendo muitas pessoas de outras cidades e estados. A comparação com o estudo feito com fala espontânea nos mostrou que o estilo mais formal (*corpus* lido) afeta a aplicação da regra, especialmente entre as mulheres mais escolarizadas. Em relação à ditongação, vimos que o processo não é muito recorrente em Florianópolis, sendo favorecido em contexto de consoante alveolar.

Palavras-chave: Palatalização. Ditongação. Fonologia da Geometria de Traços.

ABSTRACT

In this work, we present a study of the palatalization of the coronal sibilant in coda and of diphthongizing in syllables stopped for /S/, on the basis of data of a read *corpus*. The *corpus* had been collected in the locality of the Ribeirão da Ilha. The used method for the choice of the informers was the (aleatório estratificado) involving a total of 24 people. Our corpus was mounted in order to enclose diverse structural contexts, totalizing 68 phrases. With approach in the laboviana sociolinguistic and the Phonology of Feature Geometry, we analyze the paper of the structural and social variables in the these phenomena. Moreover, we compare the results concerning the palatalization with a previous study, made in the same locality with a *corpus* of spontaneous speech (Brescancini, 1996), in order to verify (em que medida) the question of the style affects the phenomenon. Our results had shown that the contexts where had retraction and rise of the body of the language (dorsal consonants and labial and dorsal vowels) had favored the use of the palato-alveolar variant. The results to the social variables point to an indication of external influences in the (não-palatalização) direction, considering that Florianópolis comes receiving many people from other cities and states. The comparison with the study made with spontaneous speech showed them that the style most formal (read corpus) affects the application of the rule, especially enters the women with more 8 (anos de escolaridade). In relation to the diphthongation, we saw that the process is not very recurrent in Florianópolis, being favored in context of alveolar consonant.

Word-key: Palatalization. Ditongação. Phonology of the Feature Geometry.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação hierárquica dos traços do ponto das consoantes [d] e [ð].....	16
Figura 2 – Estrutura hierárquica dos traços fonológicos para consoantes.....	17
Figura 3 – Representação das vogais do português segundo seu grau de abertura.....	23
Figura 4 – Representação de consoantes e vogais baseada na constrição.....	24
Figura 5 – Representação da consoante complexa /ʃ/ e da consoante plena /s/.....	32
Figura 6 – Estrutura silábica de ditongos crescentes e decrescentes.....	34
Figura 7 – Representação do espraçamento do nó vocálico da consoantes complexa /ʃ/.....	37
Figura 8 – Forma de onda das palavras [seij 'ɔʃ] ditas pelo informante 5, com sândi.....	74
Figura 9 – Forma de onda das palavras [mauʃ 'a . . .] ditas pelo informante 5, sem sândi.....	74
Figura 10 – Representação do ponto de C da seqüência de consoantes [stʃ] da palavra [kas 'tʃigu].....	90
Gráfico 1 – Ocorrência de palatalização e as variáveis contexto seguinte e vozeamento.....	70
Gráfico 2 – A aplicação da regra de palatalização por homens e mulheres segundo seu grau de escolaridade.....	76
Gráfico 3 – Ocorrência de ditongações entre homens e mulheres de diferentes faixas etárias.....	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrência global de palatalização nas variáveis ‘posição silábica’, ‘tonicidade’ e ‘vozeamento’.....	69
Tabela 2 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘escolaridade’ no processo de palatalização.....	71
Tabela 3 – Resultado referente ao grupo de fatores ‘contexto seguinte’ no processo de palatalização.....	72
Tabela 4 – Resultado referente ao grupo de fatores ‘sexo’ no processo de palatalização.....	76
Tabela 5 – Cruzamento dos fatores ‘escolaridade’ e ‘sexo’.....	76
Tabela 6 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘idade’ no processo de palatalização.....	78
Tabela 7 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘contexto antecedente’ no processo de palatalização.....	79
Tabela 8 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘contexto antecedente’ no processo de palatalização – fatores amalgamados.....	80
Tabela 9 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘contexto seguinte’ no processo de ditongação.....	82
Tabela 10 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘vogal de base’ no processo de ditongação.....	84
Tabela 11 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘idade’ no processo de ditongação.....	85
Tabela 12 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘sexo’ no processo de ditongação.....	87

Tabela 13 – Aplicação da regra da palatalização, segundo as variáveis sexo e escolaridade, em estilo formal e informal.....	94
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
2.1 O MODELO DE FONOLOGIA DA GEOMETRIA DOS TRAÇOS.....	15
2.2 A DESCRIÇÃO FONÉTICA DAS SIBILANTES [ʒ, ʃ, z, s].....	25
2.3 A CARACTERIZAÇÃO FONOLOGICA DAS SIBILANTES [ʒ, ʃ, z, s].....	29
2.4 OS DITONGOS E OS PROCESSOS DE DITONGAÇÃO E MONOTONGAÇÃO.....	33
2.5 ESTUDOS SOBRE PALATALIZAÇÃO E DITONGAÇÃO.....	38
2.5.1 A palatalização.....	38
2.5.2 A ditongação.....	41
3 METODOLOGIA.....	46
3.1 O ESTUDO DA VARIAÇÃO.....	47
3.2 AS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS.....	53
3.2.1 A palatalização.....	53
3.2.2 A ditongação.....	56
3.3 AS VARIÁVEIS SOCIAIS.....	57
3.4 OS INFORMANTES.....	59
3.5 A COLETA DE DADOS.....	59
3.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	61
3.7 A LOCALIDADE.....	63
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	68
4.1 A PALATALIZAÇÃO.....	68
4.1.1 Escolaridade.....	70

4.1.2 Contexto seguinte.....	71
4.1.3 Sexo.....	75
4.1.4 Idade.....	78
4.1.5 Contexto antecedente.....	78
4.2 A DITONGAÇÃO.....	81
4.2.1 Contexto seguinte.....	81
4.2.2 Vogal de base.....	84
4.2.3 Idade.....	85
4.2.3 Sexo.....	87
4.3 DISCUSSÃO	88
5 CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
APÊNDICES.....	106

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo fonético-fonológico da realização do arquifonema /S/, tanto em sílaba medial quanto final, e do processo de ditongação de monotongos seguidos desse arquifonema, numa perspectiva sincrônica, na fala de moradores nativos de Florianópolis.

A variação entre a realização alveolar e palato-alveolar da fricativa coronal /S/ é um fenômeno já bastante discutido em todo território brasileiro, haja vista a quantidade de trabalhos realizados em diversas regiões, inclusive em Florianópolis (BRESCANCINI, 1996, 2003a, 2003b). Contudo, resolvemos estudar sua ocorrência na fala de florianopolitanos, usando um outro tipo de *corpus* – um *corpus* lido – a fim de comparar os resultados com aqueles que encontramos em trabalhos feitos com fala espontânea, como, por exemplo, com dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul) (Id. 2003a, 2003b). Acreditamos que, por a palatalização ser um processo bastante difundido em Florianópolis¹, a realização palato-alveolar de /S/ seja predominante até em um *corpus* com um grau de monitoramento de fala maior, como é o caso da leitura.

Em relação à ditongação, partimos da hipótese de que esse processo não é muito favorecido em Florianópolis, baseados na tendência apontada por Furlan (1989) de não ditongação no falar florianopolitano em sílabas travadas por /S/, ao contrário do que costuma acontecer em outras regiões do país, e até de monotongação de ditongos, em palavras como [sej̃]~[se] e [maj̃]~[ma], fenômeno também mencionado por Brescancini (1996).

¹ Brescancini (2003a) atesta que o uso da variante palato-alveolar é predominante em Florianópolis, chegando a 83% das ocorrências analisadas.

Acreditamos ser importante estudar e registrar esses fenômenos, porque a língua, além de ser o meio de comunicação, é antes de tudo um fato social e histórico que faz parte da cultura, ou, como disse Benveniste (1963) “é dentro da, e pela língua que o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”. Além disso, precisamos considerar que Florianópolis é uma cidade que vem sofrendo um grande processo de imigração², o que pode ser um fator para novas variações fonéticas. É importante, então, ter o registro, até mesmo como história, do falar da população nativa da região. Futuramente podem-se fazer estudos analisando a influência dos imigrantes na fala da comunidade local e vice-versa, tanto sincrônica quanto diacronicamente. Para isso, qualquer registro da produção oral será útil.

Com o objetivo central de oferecer explicações lingüísticas e/ou sociolingüísticas, os fenômenos da palatalização e ditongação serão analisados sob a perspectiva da sociolingüística quantitativa de origem laboviana. Interessa a essa pesquisa não somente fazer um levantamento das ocorrências de palatalização e ditongação, mas também tentar explicar esses fenômenos. Para tanto, usamos como referencial teórico os estudos em fonologia multilinear, mais especificamente o modelo da Fonologia da Geometria de Traços (GT), e a Teoria da Variação. O modelo da GT parece ser o mais apropriado uma vez que estuda a organização dos traços de cada segmento de forma independente e hierarquizada, o que permite entender como um traço pode se estender além de um segmento ou como o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços. Além disso, esse modelo está profundamente comprometido com a realidade fonética. A pesquisa se valerá também do apoio da fonética acústica, que

² Segundo dados do IBGE, do censo de 2000, 14,5% da população do estado de SC é oriunda de outros estados. A Grande Florianópolis foi a terceira região a receber mais moradores de outro estados no período de 1995 a 2000, 20,5% do total dos imigrantes, o correspondente a 42,6 mil pessoas.

poderá ser útil para ilustrar esses processos e sanar dúvidas em relação à transcrição fonética.

A partir desse objetivo geral e do referencial teórico proposto, apresentamos os seguintes objetivos específicos:

- a) verificar a ocorrência total de palatalização e ditongação em um *corpus* que registra a fala de florianopolitanos nativos;
- b) identificar os contextos lingüísticos e sociais que favorecem ou não a palatalização e a ditongação;
- c) comparar os nossos resultados acerca da palatalização com a pesquisa de Brescancini (1996), realizada em Florianópolis, enfocando a natureza dos *corpora* utilizados;
- d) averiguar se há alguma relação entre esses dois fenômenos: a ditongação e a palatalização das fricativas coronais em final de sílaba. Em vários estudos já feitos sobre monotongação e ditongação, percebe-se que o contexto que segue o ditongo ou monotongo é um dos fatores que exerce grande influência nesses processos, especialmente se neste contexto se encontrar uma fricativa palatal. Para exemplificar isso, podemos citar um trabalho recente sobre o uso variável do ditongo em sílabas travadas por /S/ feito na Paraíba (AQUINO, 2004). Segundo essa pesquisa, o tipo de sibilante, entre outros fatores, é um dos fatores relevantes na aplicação ou não da ditongação.

O trabalho se constitui de partes distintas para dar conta desses objetivos. Primeiramente é feita uma revisão bibliográfica tratando de caracterizar fonética e fonologicamente os segmentos em questão, isto é, as sibilantes [s, z, ʃ, ʒ] e os ditongos. Também é feito um breve estudo da Fonologia da Geometria de Traços, discutindo seu funcionamento e os processos que podem ser explicados através

dela. Ainda na revisão bibliográfica, descrevemos os resultados de algumas pesquisas sobre a palatalização e ditongação já feitas no Brasil. Num segundo momento, apresentamos algumas discussões sobre o estudo da variação que norteia a metodologia adotada na pesquisa. Trazemos também detalhes sobre as variáveis envolvidas, sobre os informantes, sobre a coleta de dados, sobre a localidade e sobre os métodos usados para a análise. Por fim, analisamos os resultados das ocorrências de palatalização e ditongação a partir do referencial teórico proposto e das hipóteses levantadas. Para encerrar o trabalho, trazemos uma discussão sobre o estudo, a conclusão e a apresentação das referências bibliográficas citadas.

O presente trabalho propõe-se, então, a analisar dados concretos coletados em pesquisa de campo sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa laboviana, e apresentar uma abordagem teórica baseada na Fonologia dos Traços para explicar como e por que tais variações ocorrem.

Os resultados obtidos poderão enriquecer, dentro de uma perspectiva sincrônica, a caracterização da fricativa /S/ no falar florianopolitano nativo. Esperamos com essa pesquisa registrar dados que possam ser úteis para estudos futuros, como comparação do falar da população descendente dos açorianos com os açorianos; análise da interferência da fala de pessoas oriundas de outros estados; estudos sociolinguísticos, ou até de outras peculiaridades referentes a traços fonéticos de determinados grupos de Florianópolis.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 O MODELO DE FONOLOGIA DA GEOMETRIA DOS TRAÇOS

A fonologia auto-segmental, inicialmente proposta por Goldsmith (1976) em sua tese, diferentemente dos modelos estruturalista e gerativista, propõe uma representação em camadas, não linear dos traços. A fonologia baseada no modelo gerativista (CHOMSKY & HALLE, 1968) descreve os segmentos na forma de matrizes, isto é, em feixes não organizados de traços. Assim, um segmento como /s/ é descrito como [+consonantal], [+contínuo], [+estridente], [-soante] não importando a ordem de apresentação dos traços. O modelo da Geometria dos Traços proposta por Clements (1985), como consequência da fonologia auto-segmental, apresenta uma organização hierarquizada não-linear para esses traços que, por sua vez, têm uma segmentação própria que não precisa ser idêntica para todos eles, fazendo desse modelo um modelo também caracterizado como auto-segmental (CAGLIARI, 1998).

O conteúdo fonético é muito importante nessa proposta. Os traços individuais de um segmento são distribuídos em nós de classes³, organizados em fileiras – os *tiers*. De acordo com a proposta de Clements e Hume (1993), os articuladores desempenham um papel fundamental na organização desses traços individuais. Assim, por exemplo, as articulações do trato oral, referentes ao ponto, são divididos em labial (lábios como articulador ativo), coronal (lâmina da língua como articulador ativo) e dorsal (corpo da língua como articulador ativo). Os segmentos que possuem cada um desses traços constituem classes naturais. Outros traços, como [±anterior]

³ Cada nó representa um conjunto de traços; um nó de classe representa um agrupamento de traços que consistentemente se comportam como uma unidade em regras fonológicas.

(obstrução na parte anterior do trato vocal) e $[\pm\text{distribuído}]$ (constricção que se estende por uma distância relativamente longa no nível da linha central do trato vocal) são tratados como traços limitados por um articulador, trazendo detalhes sobre a natureza de sua articulação, no caso, o articulador do traço [coronal]. Isso significa dizer que os traços $[\pm\text{anterior}]$ e $[\pm\text{distribuído}]$ são relevantes (têm valor distintivo) apenas para as coronais e quando o traço [coronal] se espraia, esses dois traços se espraiam também, pois na estrutura hierárquica são dominados pelo [coronal], como podemos ver na representação abaixo de [d] e de [ð]:

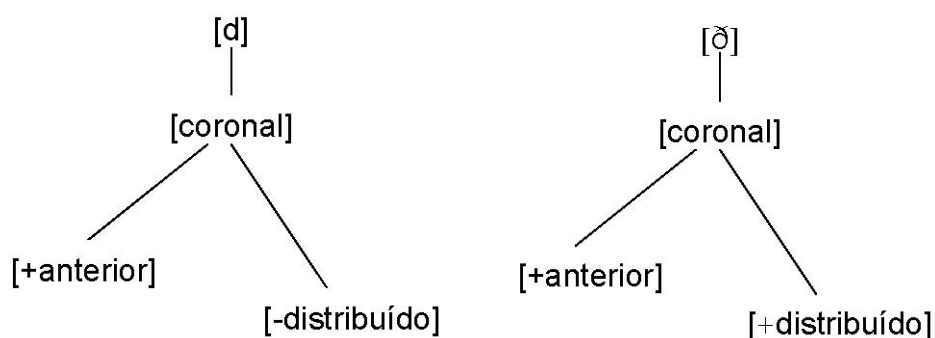


Figura 1- Representação hierárquica dos traços do ponto das consoantes [d] e [ð]

Além do nó de classe do ponto de articulação, Clements e Hume (1993), nos apresentam a existência de outros nós: o nó de raiz, o nó laríngeo e o nó da cavidade oral. De um nó de classe podem sair outros nós ou traços terminais, que são aqueles que representam apenas um elemento definido pelo próprio traço. Do nó da cavidade oral, por exemplo, saem o traço referente ao modo $[\pm\text{contínuo}]$ e o nó de ponto de consoante (Ponto de C). Ao nó de ponto estão ligados os traços terminais [labial], [coronal] ou [dorsal]. Esses traços estão ligados aos nós por linhas de associação, e os nós, por sua vez, estão vinculados a um ponto inicial, o nó de

raiz, também por essas linhas, formando uma hierarquia, o que significa que “quanto mais alto se localiza o nó, tanto mais abrangente será a unidade de traço que o especifica” (CAGLIARI, 1998, p. 14). A figura abaixo nos permite visualizar essa estrutura hierárquica dos nós de classe e os traços fonológicos a eles ligados.

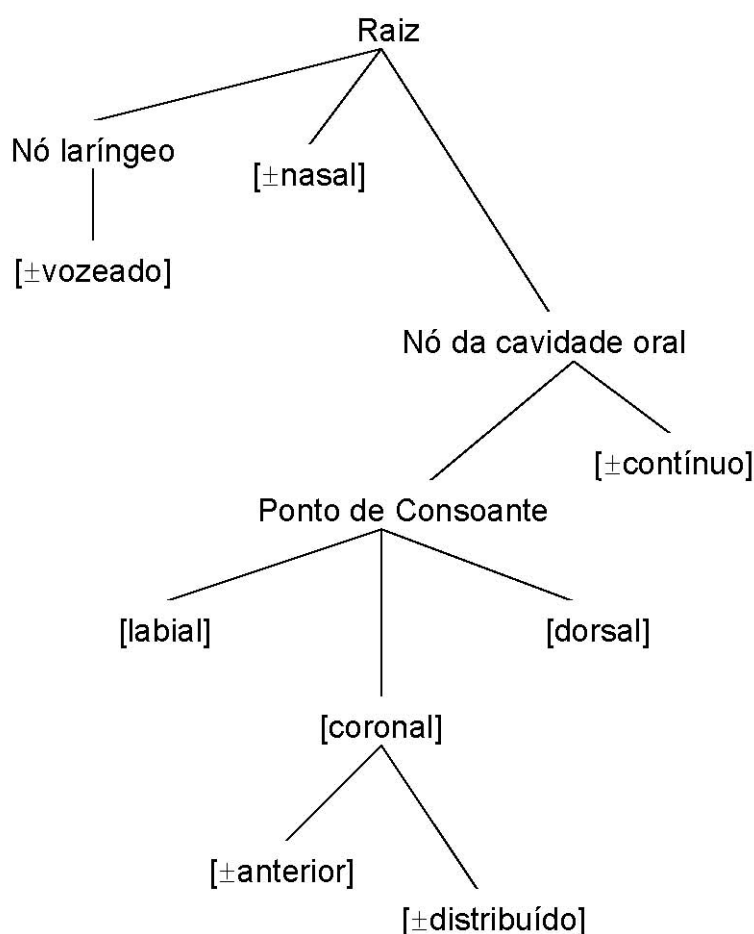


Figura 2 – Estrutura hierárquica dos traços fonológicos para consoantes

Essa organização dos nós de classes justifica-se, conforme Clements (1985), pelo grau de independência de uma classe em relação às outras, segundo parâmetros articulatórios. Podemos, por exemplo, manter certa configuração do trato para a realização de uma vogal, enquanto alteramos a posição da úvula, mexendo

apenas no traço da nasalidade e mantendo os demais nós intactos, uma vez que o traço [nasal] localiza-se num *tier* próprio. Ou podemos manter a configuração da laringe enquanto alteramos a configuração do trato vocal. Assim, “é possível fazer funcionar uma regra que atue apenas em uma fileira, sem levar em conta o que está especificado nas demais” (CAGLIARI, 1998, p. 17). Entendemos, então, que cada nó ou traço opera processos fonológicos independentes. A organização hierárquica, por sua vez, nos permite ver como esses processos atuam. Quando um processo ocorre em um determinado *tier* de nó, ele também afetará os demais nós que estão abaixo dele.

“Quanto mais alto estiver um nó, tanto mais elementos conterà. Os processos fonológicos que atuam num nó agem sobre todos os elementos abaixo dele. Um processo fonológico que age no nível da raiz mexe com todo o segmento, se agir no nó da cavidade oral, mexe com o modo de articulação, se agir no C-place, altera o lugar de articulação de uma consoante.” (CAGLIARI, 1998, p. 19)

A partir disso, podemos concluir que:

A existência de cada nó de classe e a subordinação de traços na estrutura não é aleatória, ou seja, os nós têm razão de existir quando há comprovação de que os traços que estão sob seu domínio funcionam como unidade em regras fonológicas (HERNANDORENA, 1999, p. 51).

Vejamos rapidamente como a existência de cada nó pode ser justificada. O nó de raiz, que define os segmentos como unidade de tempo, se evidencia em segmentos de contorno, como [ts], que podem ser representados como tendo duas raízes, e em processos fonológicos como metástese e apagamento total de um

segmento. Além disso, Schein e Steriade (1986) e McCarthy (1988)⁴ (apud CLEMENTS e HUME, 1993) propõem uma classe de traços maior ligada ao nó de raiz, referente aos traços de sonoridade [\pm sonorante], [\pm aproximante] e [\pm vocóide]. Esses traços definem as classes principais de sonoridade: obstruintes, nasais, líquidas e vogais. Ligar esses traços ao nó de raiz significa que eles não podem se espalhar ou ser deletados independentemente.

O nó laríngeo, que domina os traços [\pm vozeado], [\pm construção glotal] e [\pm abertura glotal], também só pode espalhar ou ser deletado como unidade. No caso do português, apenas o traço [\pm vozeado] é relevante e opera processos fonológicos independentemente, sem afetar o resto da estrutura, pois não tem elementos abaixo dele. O mesmo ocorre como o traço [\pm nasal], que tem seu próprio *tier*, e está ligado diretamente ao nó de raiz.

A estrutura do nó da cavidade oral, que domina o traço [\pm contínuo] e o nó do ponto de articulação de consoante (ponto de C) também se justifica, pois existem processos fonológicos em que há o funcionamento conjunto dos traços que estão sob seu domínio. Clements e Hume (1993) mostram o exemplo da formação de Plosiva Intrusiva (p, t) no inglês nas seqüências [ms] e [ns], em palavras como *dense*, *Chomski*. O que ocorre é que tanto o traço da cavidade oral [-contínuo] da nasal, quanto seu ponto de articulação – [labial] para o [m] e [coronal] para o [n] – se espalham, formando as seguintes seqüências: [ms]~[m^ps] e [ns]~[n^ts].

O nó do ponto de articulação de consoante, por sua vez, também opera processos fonológicos. Como exemplo disso, podemos citar a assimilação do ponto de articulação da consoante seguinte pela nasal. Esses processos não afetam o nó laríngeo e nem o nó da cavidade oral, pois não são dominados pelo nó do ponto de

⁴ MCCARTHY, J. Feature Geometry and Dependency: a review. *Phonetica* 45, p. 84-108, 1988
SCHEIN, B e STERIADE, D. On Geminates. *Linguistic Inquiry* 17, p. 691-744, 1986

C. É o que ocorre no Português, em que a nasal pode ser [labial], [coronal] ou [dorsal], conforme a consoante seguinte.

Essa teoria, como podemos ver, oferece uma representação econômica e concreta, de acordo com características articulatórias, não só para os segmentos, mas também para os processos fonológicos. Listamos, abaixo, os principais processos fonológicos, conforme Cagliari (1998):

- assimilação ou espraçamento: um segmento liga-se a outro levando um nó ou traço de um segmento para outro. Todo processo de assimilação é resultante de um espraçamento;

- desligamento: um segmento perde um nó ou um traço;

- fissão: parte-se um nó de raiz ou um elemento do esqueleto para auto-segmentar um outro elemento adjacente (como por exemplo, as africadas, que têm uma consoante no esqueleto e duas raízes para especificar a oclusão e a fricção);

- fusão: juntam-se dois nós do esqueleto num único nó de raiz, como é o caso das geminadas, que são representadas por dois elementos no esqueleto e apenas uma raiz, já que os dois tempos do esqueleto têm auto-segmentos iguais.

Há ainda outros processos, como metástese, redução, inserção, entre outros. No entanto, veremos que, para nosso estudo, o espraçamento será o mais freqüente. Esses processos são representados por linhas, que podem indicar o espraçamento de um traço ou nó, ou, no caso de desligamento, o processo é representado pelo corte de uma linha de associação. No entanto, lembramos que a representação das derivações obedece a alguns princípios e regras de boa formação. Descrevemos abaixo alguns deles.

- Princípio de Não-Cruzamento de Linhas: ao representar um processo fonológico, não é permitido que linhas se cruzem. Assim, um espraçamento, por

exemplo, só pode acontecer em direção a um ponto em que ele não precise atravessar nenhuma linha;

- Princípio do Contorno Obrigatório: de acordo com esse princípio, segmentos adjacentes idênticos são proibidos;

- Convenção de Poda: essa convenção é aplicável apenas no caso de uma regra criar uma configuração de ramificação. Neste caso, ocorre a remoção da ramificação mais velha. Após o espraçamento de um traço, por exemplo, ocorre o desligamento do outro;

- Condição de Ramificação: segundo essa condição, não é admissível uma estrutura derivada em que um nó não terminal ramifica em nós que se situam na mesma camada;

- Condição de Fissão de Nós: muitas vezes é inevitável num processo fonológico, numa derivação, a ramificação de nós na mesma camada. Nesse caso, aplica a Condição de Fissão de Nós, tantas vezes quantas foram necessárias.

A Teoria da Geometria dos Traços também é inovadora quando classifica consoantes e vogais pelos mesmos traços de ponto de articulação: labial, coronal, dorsal e radical (esse último não é relevante no português).

Esses articuladores estão sob a dominância de um nó de ponto de consoante (PC) e de um nó de ponto de vogal (PV), respectivamente, que se distinguem por estarem localizados em posições diferentes na representação arbórea (BISOL, 1989, p. 128).

Nas abordagens de Clements (1989, 1991, 1993), Herzallab (1990) e Hume (1992)⁵ (*apud* CLEMENTS & HUME, 1993) tem-se proposto basear a descrição do

⁵ CLEMENTS, G. N. A unified set of features for consonants and vowels. Unpublished ms., Cornell University, Ithaca, New York, 1989.

_____. Vowel Height Assimilation in Bantu Languages. In: HUBBARD, K. **Proceedings of the special session on African languages**. Berkeley Linguistic Society, Univ. of California, Berkeley, p. 25-64, 1991.

ponto das consoantes e vogais na constrição e não somente nos articuladores. Essa constrição seria definida por dois parâmetros: o grau de constrição e a sua localização. Nas consoantes, a constrição é representada pelo nó da cavidade oral, o grau da constrição pelo traço [±contínuo] e a localização por Pontos de C.

This model is based on the preliminary observation that any segment produced in the oral tract has characteristic constriction, defined by two principal parameters, constriction degree and constriction location. Since vocal tract constriction determine the shape of the acoustic signal and thus contribute directly to the way in which is perceived, they can be regarded as constituting the effective goal of articulatory activity (CLEMENTS, 1993, p 34).⁶

Nas vogais, o lugar da constrição é representado pelo ponto de vogal, que tem os mesmos traços dependentes do ponto de consoante; e o grau da constrição é representado por um nó de abertura, sob o domínio do nó vocálico. O nó de abertura dá conta de diferenciar as vogais entre si quanto a sua altura e é expresso pelo traço binário [±aberto] (de acordo com o modelo proposto por Clements 1989, 1991). Esse traço pode aparecer em *tiers* ranqueados para expressar os vários graus de abertura das vogais. Assim, o primeiro *tier* [aberto1] fixa para a vogal um dos dois primeiros registros de altura: [-ab1], relativamente alta; [+ab1] relativamente baixa, como para [i] e [a], respectivamente. Na segunda linha [aberto2] e terceira [aberto3], cada um dos registros é subdividido, resultando em sistemas com 3, 4 ou

_____. Lieu d'articulation des consonnes et des voyelles: une théorie unifiée. In: Laks and Rialland, p. 101-145, 1993.

HERZALLAH, R. Aspects of the Palestinian Arabic Phonology: a nonlinear approach. Unpublished Ph.D. dissertation, Cornell University (distributed as **Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory**, nº 4, 1990).

HUME, E. Front vowels, coronal consonants and their interaction in nonlinear Phonology. Unpublished Ph.D. dissertation, Cornell University, Ithaca, New York, 1992.

⁶ Esse modelo é baseado na observação preliminar de que qualquer segmento produzido no trato vocal tem uma constrição característica, definida por dois parâmetros, o grau de constrição e o local da constrição. Uma vez que a constrição do trato vocal determina a forma do sinal acústico e assim contribui diretamente para o modo em que é percebido, ele pode ser considerado como constituinte da meta efetiva da atividade articulatória. (Tradução nossa)

mais alturas vocálicas. Esses traços de abertura, ligados ao nó de abertura, podem se espriar juntos, como unidade. O sistema vocálico do português, segundo Wetzels (1992), pode ser representado em três *tiers*.

	i / u	e / o	ɛ / ɔ	A
ab1	-	-	-	+
ab2	-	+	+	+
ab3	-	-	+	+

Figura 3 - Representação das vogais do português segundo seu grau de abertura

Os traços referentes ao ponto e à abertura estão sob o domínio do nó vocálico, cuja existência é justificada, pois existem processos fonológicos em que tanto o ponto quanto a abertura se espriam, assim como também há processos em que uma vogal assimila apenas o ponto da outra, mas não a abertura. Os processos entre vogais não são bloqueados pelas consoantes simples que existem entre elas, pois estas não têm o nó vocálico, de modo que não há cruzamento de linhas (CLEMENTS & HUME, 1993). Como um dos princípios para a representação de processos fonológicos que resultarão em segmentos bem formados é o de não cruzamento de linhas e o nó vocálico, na estrutura hierárquica, está abaixo do nó do ponto de C, o espriamento de traços entre vogais separadas por uma consoante simples é permitido.

Temos, portanto, no que diz respeito ao ponto de articulação e constrição, a seguinte representação para consoantes e vogais:

a) consoantes

b) vogais

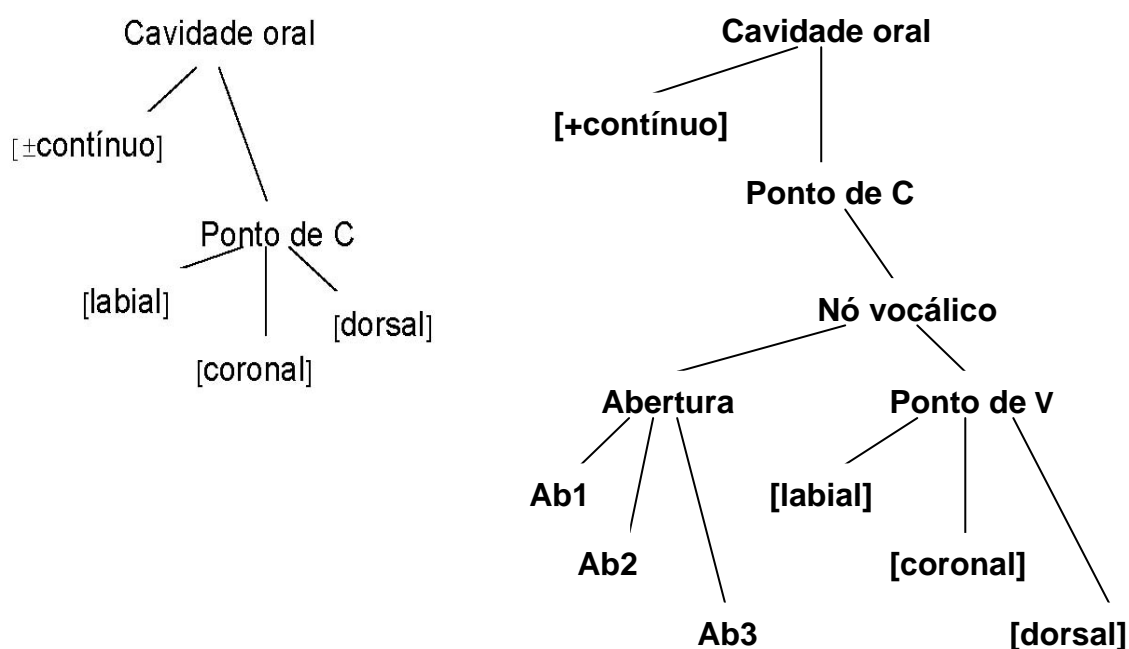


Figura 4 - Representação de consoantes e vogais baseada na constrição

Em consoantes plenas (simples), há apenas a presença dos traços primários ligados ao ponto de C. Consoantes complexas, por sua vez, apresentam uma articulação secundária, como a labialização, a palatalização e a velarização. Essa articulação secundária é especificada no ponto de V. No caso da consoante complexa /ʃ/ há um traço primário sob o domínio do ponto de C e um ponto de V especificado como $[\text{coronal}]$, uma vez que se trata de uma palatalização (HERNANDORENA, 1994). No entanto, existem outras propostas de representação para /ʃ/. Há aquela em que se faz uma simples associação de $[-\text{anterior}]$ ao nó coronal, proposta adotada para a língua portuguesa por Cagliari (1997) e Mateus e D'Andrade (2000). Há ainda a de Brescancini (2003b) que parte para uma combinação entre coronalização e dorsalização, o que resulta numa representação corono-dorsal para a fricativa palato-alveolar. Outro exemplo que podemos citar é o do $[\text{ɰ}]$, consoante velarizada que é encontrada em final de sílaba em alguns dialetos

brasileiros: aos traços de ponto de C é adicionada a articulação secundária, ligada ao ponto de V com o traço terminal vocálico [dorsal], que dá conta da velarização.

Esse modelo de Geometria de Traços, inicialmente proposto por Clements em 1985 e desenvolvido posteriormente por ele mesmo e outros autores⁷, parece-nos um modelo apropriado para o presente trabalho, uma vez que representa os traços dos segmentos de maneira linguisticamente mais elegante. Não há mais a necessidade de especificar todos os traços com o uso da valência [+] ou [-]. Em muitos casos, os valores negativos ficam de fora e basta citar apenas o traço que atua de forma positiva. A descrição dos processos fonológicos, em nossa opinião, também é vantajosa por ser econômica, isto é, podemos mostrar apenas o nó e seus dependentes em que ocorre o processo.

Nas seções seguintes, descreveremos os segmentos em estudo e os processos que estamos analisando, começando pela descrição fonética da sibilante /S/.

2.2 DESCRIÇÃO FONÉTICA DAS SIBILANTES [z, s, ʃ, ʒ]

Articulatoriamente, os fones [z, s, ʃ, ʒ] são classificados como fricativos devido ao seu modo de articulação. Os articuladores se aproximam causando uma obstrução parcial, produzindo fricção quando ocorre a passagem da corrente de ar. As fricativas são, portanto, sons produzidos por uma fonte de ruído, resultante da turbulência do jato de ar passando pela constrição. No caso das sonoras, temos além da fonte de ruído, a fonte glótica, isto é, a vibração da pregas vocais que é

⁷ Outros trabalhos também contribuíram de maneira expressiva para o desenvolvimento da teoria da Fonologia da Geometria de Traços. Entre eles podemos citar o de Sargey (1986), a sua tese de doutorado, intitulada *The representation of features and relations in non-linear phonology*.

responsável pelo vozeamento das mesmas. As fricativas [z, s, ʃ, ʒ] são também conhecidas como sibilantes por terem como sua principal fonte a turbulência produzida quando o jato de ar criado pela constrição encontra um obstáculo: os dentes. Fricativas dentais e alveolares (incluindo as palato-alveolares) são sibilantes e as demais, que têm a turbulência produzida pela constrição em si, não (LADERFOGED & MADDIESON, 1993).

De acordo com o ponto de articulação, os fones [s, z] são classificados como alveolares, isto é, têm como articulador ativo o ápice ou a lâmina da língua e como articulador passivo, os alvéolos. A distinção entre apical e laminal não é relevante para a produção dessas sibilantes no português, trata-se apenas de uma possível variação entre falantes. Os fones [ʃ, ʒ] são classificados como palato-alveolares (ou pós-alveolares) por terem como articulador ativo a parte anterior da língua e como articulador passivo, a parte medial do palato duro. O que ocorre com essas consoantes, se comparadas às alveolares, é uma retração do corpo da língua. Essas consoantes se diferenciam das consoantes [ɲ, ʎ, ɕ, ʑ], que são conhecidas como palatais, em relação à variação da área de contato ou aproximação dos articuladores envolvidos. As consoantes palato-alveolares têm uma “área de constrição mais curta, já que o estreitamento se dá entre a lâmina (ou ponta e lâmina) da língua e uma região intermediária entre a arcada alveolar e o palato duro” (BRESCANCINI, 2003b).

É importante sempre termos em mente que a configuração do trato vocal na realização desses sons irá definir as características acústicas dos mesmos. O espectro da fonte de ruído vai depender da forma da constrição, do trato vocal abaixo da corrente de ar e da velocidade do fluxo através da constrição. Uma distinção mais detalhada da produção dessas duas categorias de sibilantes nos é

apresentada por Laderfoged e Maddieson (1993), que elencam as seguintes diferenças entre [s] e [ʃ]:

- o [ʃ] tem o traço de arredondamento ou protusão labial;
- o [ʃ] é mais posterior e a área de constrição é mais extensa;
- no [ʃ], a lâmina da língua é erguida, com a parte central acima do nível das laterais da língua;
- no [s], ocorre um abaixamento da parte central da língua em relação às laterais dela;
- a parte imediatamente posterior à constrição do [ʃ] é levantada;
- para a produção do [s] se forma um canal mais estreito. O canal mais largo para o [ʃ] faz com que o ar tenha menos velocidade. Devido à diminuição da velocidade da corrente de ar, à extensão maior do trato vocal e ao arredondamento labial, presume-se que [ʃ] tenha um *pitch* mais baixo que [s], isto é, seja um som mais grave.

Segundo os exemplos trazidos pelos mesmos autores, a protusão labial age no sentido de tornar o som mais grave, isto é, a energia espectral passa a se concentrar em regiões de frequências mais baixas. Em Ukykh, uma língua de Caucasiano, o [ɸ], uma fricativa laminal pós-alveolar, tem sua maior concentração de energia na faixa dos 3000 Hz quando não labializada. Quando há o arredondamento dos lábios, essa mesma consoante passa a ter seu maior pico de energia na região dos 2000 Hz (LADERFOGED & MADDIESON, 1993).

Acusticamente, as fricativas são os sons mais fracos, menos intensos, e mais agudos do português. Quanto mais anterior for a região da constrição (mais próxima dos lábios), maior será a frequência do som produzido, ou seja, mais agudo ele será.

Segundo Russo e Behlau (1993), as fricativas “[s, z] são sons agudos, com uma faixa de frequência acima de 4500 Hz, chegando a 8000 Hz. As posteriores [ʃ, ʒ] também apresentam uma faixa de frequência ampla, semelhante a [s, z], porém mais grave, entre 2500 e 6000 Hz”.

Outros autores, em seus trabalhos, confirmam essa diferença. Lacerda (1982), em seus estudos sobre as fricativas surdas do português europeu, fez vários testes perceptuais e concluiu que o [s] é melhor percebido quando o estímulo tem altos níveis de intensidade e picos espectrais⁸ na região de 5 kHz, e o [ʃ] é normalmente associado com altos níveis de intensidade juntamente com picos espectrais na região dos 3 kHz. Jesus (1999), ao analisar as fricativas do português europeu em um *corpus* em que elas foram sustentadas por alguns segundos, obteve os seguintes resultados: o [s]⁹ tem seu pico principal na região dos 5 kHz e picos secundários entre 10 e 15 kHz; o [z] também tem seu pico principal na região dos 5 kHz e o [ʒ] em torno de 2,5 kHz, enquanto o [ʃ] tem seu pico mais proeminente na faixa dos 2,7 kHz, com um pico secundário na região dos 11 kHz. A partir desses dados, parece claro que a localização da constrição, a forma do trato vocal, determina as ressonâncias das frequências da fonte de ruído, não havendo diferenças expressivas em frequência entre surdas e sonoras.

Em relação ao vozeamento, as fricativas coronais se diferenciam pela sua duração. As fricativas surdas são mais longas que as sonoras (RUSSO & BEHLAU, 1993). Há ainda outra consideração a se fazer em relação às diferenças entre sibilantes surdas e sonoras. Segundo Shadle (1995), a fonte de ruído das consoantes sonoras é mais fraca devido à necessidade de se manter uma queda de

⁸ Picos espectrais correspondem às faixas de frequência em que há uma maior concentração de energia acústica, ou seja, as mais intensas.

⁹ Em seu texto, Jesus (1999) usa //, no entanto, nós optamos por [] por considerarmos que se trata de análises feitas a partir da produção de sons, portanto dados de caráter fonético e concreto, e não fonológico e abstrato.

pressão transglotal a fim de manter o vozeamento. Assim, as fricativas sonoras têm amplitudes mais baixas que as surdas.

Hooper (1976) atesta também que as consoantes surdas são mais fortes que as sonoras. A partir de estudos de processos fonológicos, como a assimilação, e da análise da estrutura silábica, ele chegou a uma escala de força para as consoantes (listada em ordem crescente): glides, líquidas, nasais, contínuas vozeadas, contínuas desvozeadas e oclusivas sonoras, e oclusivas surdas. Essa escala, no entanto, não está relacionada a parâmetros acústicos, embora possa haver algumas afinidades, como em relação ao traço [vozeamento]. Ela é resultado de evidências fonológicas e é chamada por Foley (1977), apropriadamente, de *relative phonological strength*.

Após termos caracterizado as sibilantes [z, s, ʒ, ʒ] foneticamente, passaremos a discutir o *status* de cada um desses fones no sistema fonológico do português.

2.3 A CARACTERIZAÇÃO FONOLÓGICA DAS SIBILANTES /s, z, ʒ, ʒ/

Embora a nossa proposta seja explicar os fenômenos em estudo a partir da fonologia multilinear, algumas informações de cunho estruturalista serão interessantes para introduzir a caracterização fonológica das sibilantes /s, z, ʒ, ʒ/.

Segundo a proposta estruturalista, são considerados fonemas os segmentos que têm valor distintivo, isto é, que servem para distinguir palavras. Os fonemas são sons que estão em oposição e um dos procedimentos mais habituais para identificá-los é a busca de pares mínimos (SILVA, 2003). Nesse caso, os segmentos /s, z, ʒ,

ʒ/ são fonemas do português, uma vez que se opõem e têm valor distintivo: /asa/, /aza/, /aʃa/, /aʒa/.

Em início de sílaba, portanto, os contrastes entre alveolar e palato-alveolar, surdo e sonoro, caracterizam esses segmentos como fonemas. No entanto, em final de sílaba, estes contrastes não são mais distintivos, isto é, qualquer um dos quatro segmentos pode aparecer sem alterar o significado da palavra. Segundo Camara Jr. (1997), o desaparecimento, ou a neutralização das oposições distintivas, caracterizam um arquifonema, nesse caso, o arquifonema sibilante /S/.

A realização fonética do arquifonema /S/ quanto ao vozeamento está condicionada ao contexto lingüístico em que ele se encontra. Quando a consoante seguinte for surda, o arquifonema manifesta-se como [s] ou [ʃ]; quando a consoante for sonora, realiza-se como [z] ou [ʒ]. Quando não houver consoante seguinte da qual a sibilante assimilaria o vozeamento, atribuímos, por regra *default*, o traço [-voz]. Já a realização palatalizada ou alveolar depende do dialeto do falante.

A diferença entre as sibilantes alveolares e palato-alveolares e a livre variação entre as duas categorias podem ser bem explicadas através da Geometria dos Traços, uma vez que esse modelo está comprometido com a realidade fonética. De acordo com essa teoria, proposta por Clements e Hume (1993), essas sibilantes são classificadas como coronais, devido ao seu ponto de articulação, e diferenciam-se por /ʃ/ ser uma consoante do tipo complexa, enquanto que /s/ é uma consoante simples, plena. Isso significa que a palato-alveolar apresenta dois traços de articulação oral. Ela apresenta o nó dos pontos de consoantes (pontos de C) e o nó dos pontos de vogal (pontos de V) que ficam sob o domínio do nó vocálico. Sob o domínio do nó vocálico fica também o nó de abertura, que apresenta como

dependentes os traços –ab1, –ab2, –ab3, que caracterizam uma vogal alta. Essa representação é defendida por Hernanadorena (1994) e fundamentada por dados de aquisição. Segundo essa autora, todas as consoantes palatais do português são complexas, enquanto que as alveolares são simples e, redundantemente, [+anterior]. Às complexas, por sua vez, atribui-se o valor [-anterior] como decorrência da estrutura desses segmentos pela seguinte razão: há a incorporação do nó vocálico e dos pontos de V que representam a articulação secundária. Quando há o traço [coronal] sob o domínio do nó dos pontos de V, dele só pode depender o traço [-anterior], pois o traço [coronal] das vogais implica redundantemente o traço [-anterior]. Esse valor, [-anterior], faz com que o traço [coronal] sob o domínio do nó dos pontos de C, passe a ter o mesmo valor, isto é, ocorre uma conversão do valor desse traço. De acordo com essa explicação, temos a seguinte representação para a consoante complexa /ʃ/ e para a consoante plena /s/.

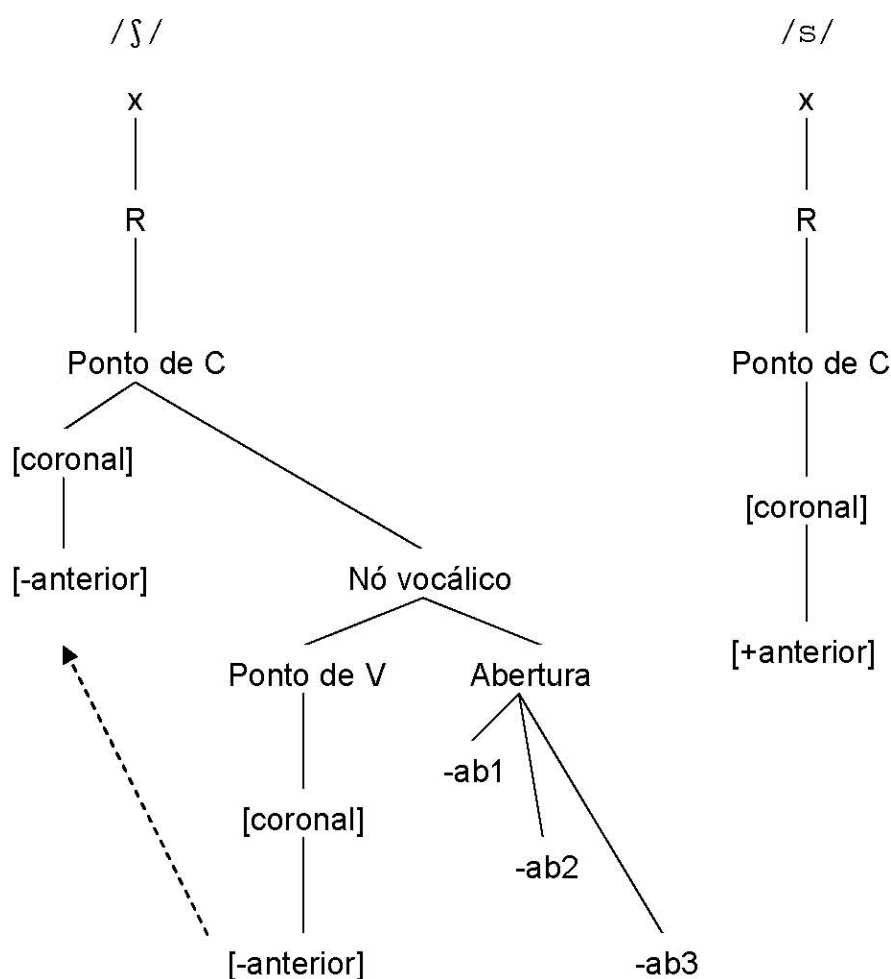


Figura 5 - Representação da consoante complexa /ʃ/ e da consoante plena /s/

Corroboram para a afirmação de que /ʃ/ e /ʒ/ são consoantes complexas estudos de aquisição de linguagem. Segundo Hernandorena (1994), tem-se observado que as consoantes palatais são adquiridas mais tardiamente no processo de aquisição da fonologia do português. O que se constatou em Hernandorena, (1990) e Lamprecht (1990) ¹⁰ (apud HERNANDORENA, 1994) é que /ʃ/ e /ʒ/ tendem a ser substituídos por /s/ ou /z/, como em [za 'nɛlɐ], ou por uma semivogal,

¹⁰ HERNANDORENA, C.L. M. **Aquisição da fonologia do Português**: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1990.

LAMPRECHT, R. R. **Perfil da aquisição normal da Fonologia do Português** - descrição longitudinal de 12 crianças: 2:9 a 5:5. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1990

num processo de semivocalização, [ja'nele]. Isso pode evidenciar o fato de que as crianças estão atribuindo o comportamento de consoantes complexas às fricativas palato-alveolares /ʃ/ e /ʒ/.

A partir desse entendimento, o processo de substituição $s \rightarrow \check{s}$ e $z \rightarrow \check{z}$, atribuído às crianças em fase de aquisição da fonologia – assim definido com base no sistema fonológico adulto – passa a ser visto como uma “não ligação” do nó VOCÁLICO à estrutura complexa das consoantes palatais, enquanto o processo de semivocalização das fricativas complexas passa a ser entendido como a “não ligação” do traço [coronal] imediatamente dominado pelo nó do ponto de C desse segmento. (HERNANDORENA, 1994, p.166)

Podemos concluir, então, que o desligamento do nó VOCÁLICO transforma /ʃ/, uma consoante complexa, em /s/, uma consoante simples. Portanto, um processo fonológico, o desligamento de um nó, explica como é possível a livre variação entre as alveolares e as palato-alveolares em coda silábica, onde não há alteração de significado.

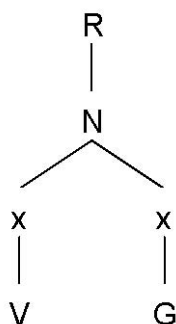
2.4 OS DITONGOS E OS PROCESSOS DE DITONGAÇÃO E MONOTONGAÇÃO

Foneticamente, ditongos são vogais que mudam de qualidade durante sua produção, isto é, a articulação parte de um ponto da área vocálica e se dirige para outro. Os ditongos são constituídos de uma vogal e um glide, e são chamados de crescentes quando a sequência for vogal + glide, e decrescente quando for glide + vogal.

De acordo com a fonologia auto-segmental, os ditongos crescentes e decrescentes apresentam uma estrutura silábica diferente. Segundo Silva (2003), os

ditongos decrescentes apresentam um núcleo ramificado, assim como as sílabas pesadas (travadas por uma consoante em coda), motivo pelo qual também são chamados de ditongos pesados. Já os ditongos crescentes comportam-se como uma sílaba leve formada por um núcleo simples que pode ser preenchido por um monotongo ou um ditongo leve. Observemos abaixo a estrutura de cada ditongo.

a) Ditongo pesado (decrecente)



b) Ditongo leve (crescente)

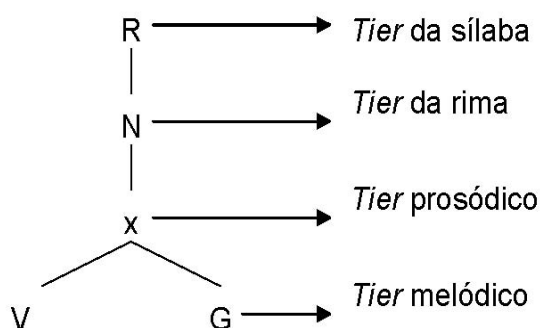


Figura 6: Estrutura silábica de ditongos crescentes e decrescentes

Os esquemas que representam as sílabas são divididos em *tiers*, que representam os segmentos que a compõem. O *tier* prosódico corresponde ao esqueleto, ao espaço temporal da sílaba, ou seja, C ou V, e está ligado aos constituintes da sílaba, o *onset* e a rima (na figura acima, mostramos somente o núcleo da rima). Ao nível prosódico também está ligado o *tier* melódico, que corresponde aos traços, à realização fonética.

Muitas vezes, os ditongos pesados ou decrescentes sofrem processos de monotongação e em outros casos monotongos transformam-se em ditongos. Para explicar esses processos, nos valeremos da Fonologia da Geometria dos Traços, baseados na concepção, apresentada por autores como Leda Bisol, de que existem

o verdadeiro ditongo, o ditongo pesado, que não sofre monotongação, e o falso ditongo, o ditongo leve, também chamado de ditongo derivado. É importante frisar que, nessa concepção, ditongo leve não se refere aos ditongos crescentes, mas sim àqueles decrescentes que podem sofrer monotongação.

Estudos acústicos de ditongos também já foram feitos na tentativa de evidenciar a existência desses dois tipos de ditongos. Souza *et al.* (*apud* LEITE *et al.*, 2003), a partir da análise espectrográfica de vocábulos como *paz* e *país*, constatou que há uma tênue diferença entre o verdadeiro e o falso ditongo, embora, no nível da percepção, ela seja praticamente impossível de perceber. O ponto de diferenciação está relacionado com a duração do glide: em ditongos verdadeiros ele é mais longo que nos falsos.

Segundo Bisol (1989), os ditongos leves são criados no *tier* melódico por processos assimilatórios, ou seja, não existem duas vogais na forma subjacente (no *tier* prosódico), de modo que há apenas uma posição na linha da rima, assim como em um monotongo. Os ditongos pesados, ao contrário, ocupam duas posições no nível prosódico ou esqueleto, como já evidenciamos acima. Há também outro argumento que sustenta a existência do verdadeiro ditongo e a impossibilidade de monotongação: o ditongo pesado forma pares mínimos com a vogal simples, como por exemplo, em *laudo* x *lado*. No caso dos ditongos leves, estes são apenas uma variante da vogal simples, como em $['pej\text{̃}i] \sim ['pe\text{̃}i]$. Segundo a mesma autora, não existem exemplos de pares mínimos de ditongo e vogal simples diante de uma consoante palato-alveolar.

Como vimos na descrição fonológica das sibilantes em estudo, $/\text{ʃ}, \text{ʒ}/$ são consoantes complexas e, portanto, possuem em sua forma subjacente o traço coronal-vocálico que oferece condições para a formação do glide $[j]$. A partir do

modelo de Clements (1991), a explicação que Bisol nos oferece da ditongação é a seguinte:

A organização dos segmentos em traços hierarquizados, como o modelo propõe, oferece elementos que permitem captar a origem do glide epentético. Acrescenta-se a isso a idéia implícita de que todo processo de assimilação consiste em espraçamento de traços. Com isso se pode dar conta do fato em exame: o nó *vocálico* que domina o [coronal] e a abertura espraia para a esquerda, levando consigo os dominados, e como um legítimo processo de assimilação, cria um segmento. Eis aí a origem do glide. (BISOL, 1994, p. 139)

Portanto, o ditongo seguido de uma palato-alveolar possui apenas uma vogal na forma subjacente. A epêntese do glide é resultante de um processo de assimilação em decorrência do espraçamento do nó vocálico presente na consoante complexa. Da mesma forma que ocorre a epêntese, o glide pode também simplesmente não se manifestar foneticamente, criando formas como [luʃ]~[lujʃ] (exemplo extraído de nosso *corpus*)¹¹.

¹¹ A representação do processo fonológico que resulta no ditongo é apresentada parcialmente. Lembramos que, ao se espraçar o nó vocálico da consoante complexa, ocorre a ramificação do nó vocálico da vogal /u/, isto é, ela passa a ter dois nós vocálicos. Neste caso, devemos aplicar a Condição de Fissão de Nós quantas vezes forem necessárias.

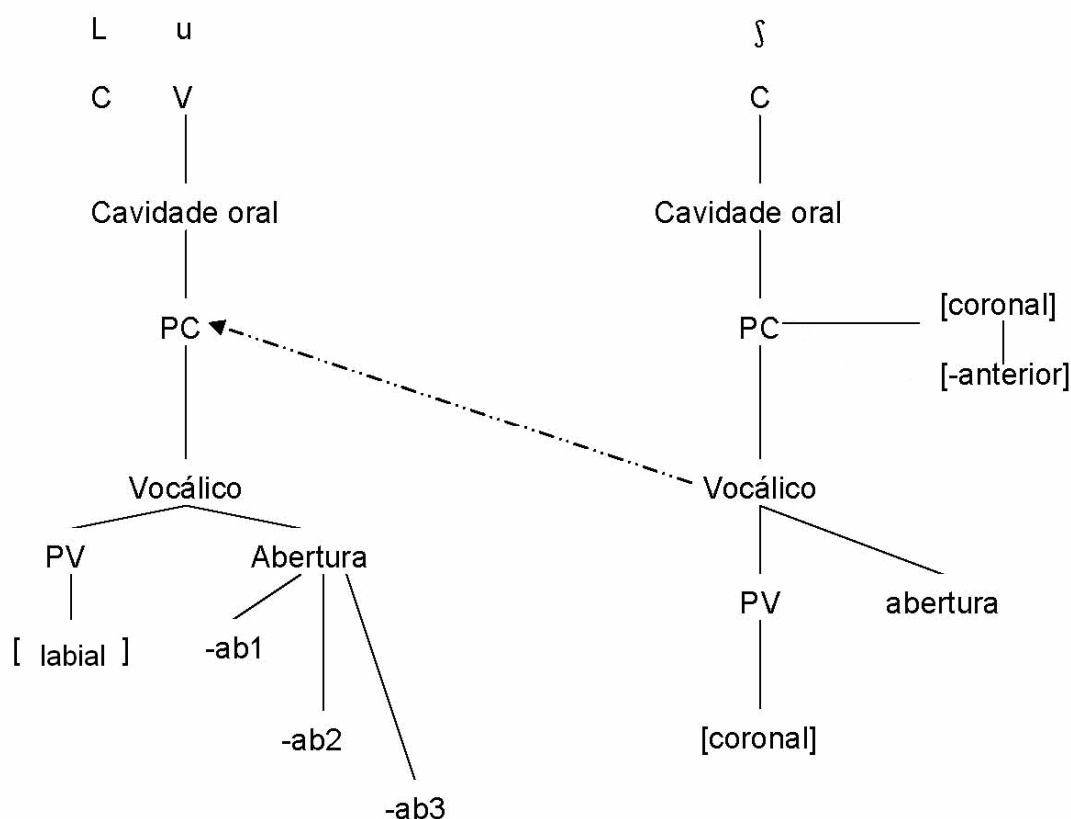


Figura 7 - Representação do espraçamento do nó vocálico da consoante complexa /ʃ/

Essa explicação é satisfatória quando o arquifonema /S/ é realizado como uma consoante palato-alveolar. E como podemos explicar a ditongação em sílabas travadas pela sibilante alveolar, uma vez que esta é uma consoante plena e não tem uma articulação secundária como a complexa? Bisol (1994) lança a hipótese de que existe uma única forma subjacente para o arquifonema /S/, na qual há a presença de uma articulação secundária, representada pelo acréscimo do nó vocálico, que dá conta da palatalização da sibilante. Então, mesmo que a realização fonética do arquifonema sibilante seja alveolar, a ditongação ainda é possível, pois a articulação secundária existe no nível subjacente. No caso de se representar uma ditongação de uma vogal seguida de uma alveolar, o nó vocálico seria parentesado, pois é um traço inerente do arquifonema sibilante que não se manifesta foneticamente na

consoante.

Em um de seus estudos sobre ditongos, Bisol (1994) faz menção ao processo de ditongação em sílabas travadas por /S/, embora não apresente nenhuma análise estatística para as variantes antes de /S/ na mesma sílaba. No entanto, ela afirma que o surgimento de um glide em palavras como *três* e *freguês* “é um resultado de um processo muito similar ao que cria um ditongo em *peixe* ~ *pexe*, *caixa* ~ *caxa*.” (BISOL, 1994, p 125). Além disso, ela esclarece que, ao contrário da ditongação em sílabas abertas, a ditongação em sílabas travadas por /S/ ocorre somente em sílaba final e acentuada.

Outros estudos sobre ditongação já foram feitos no português do Brasil. Na seção seguinte, descreveremos os resultados de alguns deles, além de tratar de alguns estudos sobre a palatalização da sibilante coronal /S/, com enfoque especial no de Florianópolis.

2.5 ESTUDOS SOBRE PALATALIZAÇÃO E DITONGAÇÃO

2.5.1 A palatalização

O fenômeno da palatalização da fricativa coronal /S/ é recorrente em várias cidades do país. Estudos relativamente recentes, como os de Callou e Moraes (1995), Scherre e Macedo (1996), Mota e Rollemberg (1994) e Brescancini (1996, 2002), mostram que a variante palato-alveolar é a preferida em cidades como Rio de Janeiro, Recife e Florianópolis, e concorre de igual para igual com a variante alveolar em Salvador. Em contrapartida, Callou e Moraes (1995) atestam que a palatalização não é recorrente em cidades como Porto Alegre e São Paulo, assim

como Corrêa (1998), ao estudar o fenômeno em Brasília, descobre que a consoante alveolar ocorre em 97% das realizações do /S/ pós-vocálico.

O estudo de Brescancini (1996) é de especial interesse para o nosso trabalho, uma vez que trata do fenômeno na mesma região em que fizemos o nosso estudo. Ela analisou dados de 36 informantes de três regiões de Florianópolis (Freguesia do Ribeirão da Ilha, Sertão do Ribeirão da Ilha e o Distrito de Florianópolis- centro) em entrevistas por ela mesma gravadas. A aplicação total de ocorrências de palatalização da fricativa coronal em coda foi de 61%. Em relação às variáveis analisadas, os resultados foram os seguintes (listados em ordem e relevância estatística, obtida com a análise realizada com o pacote de programas VARBRUL):

- a) traço [voz], em que o traço [-voz] favoreceu a aplicação da regra;
- b) sexo, com uma incidência maior de palatalização entre as mulheres;
- c) posição na sílaba, em que a posição medial foi a mais favorecedora para a aplicação da regra;
- d) contato externo, que apontou para uma maior incidência do fenômeno em indivíduos com um grau de interação sócio-cultural maior;
- e) região, com mais ocorrências de fricativas palatalizadas na Freguesia do Ribeirão da Ilha;
- f) escolaridade, em que o fator '0 – 4 anos de escolaridade' mostrou-se como favorecedor da aplicação da regra;
- g) tipo de item lexical, em que os numerais, especialmente 'dois', condicionaram mais a palatalização;
- h) contexto precedente, em que a realização palato-alveolar da fricativa coronal /S/ foi favorecida pela vogal dorsal [a];
- i) tonicidade, que apontou para uma maior aplicação da regra da palatalização

em contextos pré-tônicos e tônicos;

j) contexto seguinte, entre os quais, as consoantes dorsais [g, k, x] foram favorecedoras;¹²

k) a variável 'idade' não foi considerada estatisticamente relevante.

Em relação à variável 'contexto seguinte', é interessante mencionar o trabalho de Hora (2003), que analisa dados de fala de João Pessoa. Segundo seus resultados, a palatalização só é favorecida em contexto de consoante coronal [+anterior], ou seja, [t, d]. A aplicação da regra em outros contextos é praticamente nula. O mesmo autor afirma que, no Rio de Janeiro, a palatalização já é gramaticalizada, sendo indiferente o contexto seguinte. Hora (2003) afirma que, em João Pessoa, trata-se de um processo dissimilatório, enquanto no Rio de Janeiro, os dados revelam um processo assimilatório. Já em Florianópolis, como pudemos ver, o fenômeno ocorre preferencialmente em contexto de consoantes dorsais. Essas diferenças nos fazem crer que podem existir diferentes motivações para a aplicação da palatalização.

Em estudo posterior, Brescancini (2003a) analisou o processo de palatalização, também em Florianópolis, com dados do banco de dados do VARSUL. Os resultados aos quais ela chegou foram bastante similares aos de 1996, com um valor diferente para a aplicação total da variante palato-alveolar, 83%. A primeira variável lingüística estatisticamente relevante foi o traço [voz], em que [-voz] favoreceu a palatalização, seguida da variável 'contexto precedente', que teve a vogal dorsal [a], em segunda posição, como condicionadora, ao lado do fator 'ausência de vogal', que foi predominante. Em terceiro lugar ficou a variável 'contexto seguinte', que teve como fator condicionante a consoante coronal [-

¹² A análise dos dados é mais complexa do que a breve exposição que aqui fizemos. A autora cruza variáveis, realiza rodadas por regiões, e com isso chega a conclusões mais consistentes. A leitura do trabalho na íntegra é recomendada para o leitor interessado num maior detalhamento dos resultados.

anterior] [tʃ], seguido das dorsais [k, g, x]. No entanto, a autora considerou esse resultado de modo relativo, visto que a ocorrência das coronais [tʃ] representou apenas 3% do total. Em quarto lugar, encontramos o ‘acento’, com uma maior aplicação da regra em contextos pré-tônicos e pré-pretônicos e, por fim, a variável ‘posição da fricativa na palavra’, em que a posição medial foi favorecedora. Em relação à tonicidade, a autora amalgamou todos os fatores em apenas dois – forte e fraco – e obteve um resultado que confirmou o que já havia sido constatado no estudo anterior, isto é, de que a posição ‘forte’ é maior indutora da produção da consoante palato-alveolar. Quanto às variáveis sociais, houve taxas mais altas para os mais escolarizados, enquanto que para idade, a variante mostrou-se estável. Outra observação interessante a se fazer sobre esse estudo, é de que todas as variáveis, tanto as lingüísticas quanto as sociais, foram relevantes, porém “o programa de análise estatística privilegiou, de modo geral, as variáveis lingüísticas.” (BRESCANCINI, 2003a, p.322)

Acreditamos que, de posse da leitura desses dois trabalhos (BRESCANCINI, 1996, 2003a), temos parâmetros interessantes para fazer comparações como o nosso estudo que, embora tenha o mesmo objeto, é de natureza diferente, pois é feito a partir de dados de um *corpus* lido.

Passaremos, agora, a descrever alguns estudos sobre a ditongação em sílabas travadas pela sibilante coronal /S/, o outro objeto de nosso trabalho.

2.5.2 A ditongação

Muitos estudos a respeito dos ditongos derivados em sílabas abertas (BISOL, 1994) têm sido feitos no Brasil. Além dos trabalhos dessa autora (op. cit. p. 23),

outros autores também estudaram o fenômeno. A maior parte desses estudos foram feitos sob o ponto de vista da Teoria da Variação, em que são considerados tanto fatores lingüísticos quanto extralingüísticos. Entre esses trabalhos podemos citar Amaral (2005), que analisou o fenômeno da monotongação no sul do país; Silva (2004) que tratou do mesmo assunto em João Pessoa e Paiva (1996), no Rio de Janeiro.

Há também algumas pesquisas sobre os processos de ditongação em sílabas travadas por /S/, cujos resultados passaremos a descrever a seguir, uma vez que este é o objeto de nosso interesse.

Leiria (2000) analisou o fenômeno nas três capitais da Região Sul, com dados extraídos do Projeto Varsul. Seus resultados mostraram que o fenômeno é inibido em Porto Alegre, enquanto é favorecido em Florianópolis e Curitiba. Os fatores estatisticamente relevantes foram: a) a qualidade da vogal, em que /ε, a, e/ favoreceram a ditongação; b) ponto de articulação da sibilante coronal, tendo as alveolares se manifestado como fortes favorecedoras da formação da ditongação; c) sândi externo, também favorecedor; d) faixa etária, mostrando que os mais velhos aplicaram mais a regra da ditongação; e) *status* morfêmico da sibilante, em que a aplicação da regra foi favorecida quando a sibilante se encontrava na raiz; f) sexo, com um peso relativo maior para os homens. Note-se que o trabalho dela foi feito considerando somente sílabas tônicas finais.

Um outro trabalho no sul foi feito recentemente por Tasca (2005). Essa autora fez um estudo comparativo entre 4 cidades gaúchas: Porto Alegre, Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (região de fronteira), também com dados do projeto Varsul. Dentre as variáveis analisadas, duas se mostraram categóricas: a tonicidade (todas as ditongações ocorreram em

sílaba tônica) e *status* morfológico (todas as ditongações localizaram-se na raiz). Em relação às demais variáveis, a vogal de base foi a mais relevante, com um peso relativo bastante alto (0,84) para a vogal /a/. Suspeitando dos resultados devido à alta frequência da palavra ‘mas’, a autora fez nova rodada de análise estatística, excluindo essa palavra, o que resultou na seguinte seqüência de variáveis relevantes: a) escolaridade (com maior peso para o fator ‘primário’); b) vogal de base (agora tendo as vogais anteriores se mostrado mais favorecedoras); c) gênero (homens favorecendo mais a ditongação); d) cidade (São Borja como único fator inibidor). Além dessas duas rodadas de análise estatística, Tasca (2005) analisou cada cidade separadamente, trabalhando apenas com duas variáveis: cidade e item lexical (mas, três, vez, dez, verbo, outros (rapaz, atrás, arroz, luz, mês, através)), além de analisar o desempenho de cada informante relativo aos dez itens lexicais mais frequentes no *corpus*. A partir dos resultados, que mostraram que a ditongação se dá com peso maior nos itens lexicais ‘mas’ e ‘três’ em todas as cidades, a autora concluiu que o fenômeno está ocorrendo por difusão lexical, além de estar concentrado em alguns indivíduos, afirmando que ele não parece ter origem em fatores fonético-fonológicos ou sociais.

Outro trabalho semelhante, analisando comunidades étnicas distintas no RS, já fora feito anteriormente. Mello (1994)¹³ analisou dados de fala de Santana do Livramento (fronteira), Taquara (colonização alemã), Monte Bélico (colonização italiana) e Porto Alegre. A autora constatou que a formação de ditongo em sílaba travada por /S/ foi favorecida por fatores tais como: a) extensão do vocábulo (os vocábulos monossílabos revelaram-se fortes condicionadores); b) qualidade da sílaba quanto à acentuação (a sílaba tônica teve desempenho quase categórico); c)

¹³ O *corpus* utilizado por essa autora foi organizado por Bisol no final da década de setenta.

sândi externo, que exerceu influência positiva; d) a posição da variante no vocábulo (posição final do vocábulo revelou-se contexto mais propício para a aplicação da regra); e) etnia (variável social que apresentou resultados expressivos, com ênfase para as pessoas de origem alemã). Interessante observar que, no trabalho dessa autora, a variável da categoria da vogal de base não se revelou favorecedora do processo de ditongação.

Além do sul do país, outras regiões já despertaram o interesse de estudiosos. Leite, Callou e Moraes (2003), dentre outros processos, estudaram a formação do ditongo. Eles fizeram um estudo em tempo real, analisando amostras de dois períodos distintos. Os fatores lingüísticos relevantes, pela ordem de seleção, foram: vogal de base (com a vogal alta inibindo, as médias abertas e a média anterior fechada favorecendo e a vogal baixa exercendo um papel neutro); tipo de sibilante (com a variante palatalizada favorecendo); dimensão do vocábulo (com os monossílabos favorecendo) e localização do acento lexical (com a sílaba tônica favorecendo). Em relação às variáveis sociais, verificaram que o fenômeno é mais estável entre as mulheres e que vem sofrendo retração.

Por fim, temos ainda o trabalho de Aquino (2004), que analisou dados de fala de João Pessoa, extraídos do projeto Valp (Variação Lingüística de Estado da Paraíba). Seus resultados nos mostram que i) a ditongação foi fortemente condicionada por sílabas tônicas finais; ii) os morfemas derivacionais e raiz favoreceram a aplicação da regra; iii) a vogal que mais favoreceu a ditongação foi a vogal /a/; iv) a sibilante alveolar sonora e a palatal surda foram inibidoras; v) quanto maior o vocábulo, menor a aplicação da regra; vi) os menos escolarizados ditongaram mais; vii) a ditongação foi mais freqüente entre os falantes com mais de 50 anos.

Podemos observar que nem sempre há consenso entre os autores dos estudos referidos. Encontramos alguns resultados comuns em todas as análises: a tonicidade (a ditongação ocorre quase que sempre em sílabas tônicas); a extensão do vocábulo, ocorrendo a ditongação preferencialmente em vocábulos monossilábicos; posição da variável na palavra (o contexto final de palavra é favorecedor); *status* morfológico da sibilante, sendo o processo inibido quando se trata de morfema flexional e a presença do sândi externo como fator favorecedor. A respeito das variáveis sociais também parece haver uma certa similaridade, em que pessoas menos escolarizadas aplicam mais a regra de ditongação. No entanto, em relação ao tipo de sibilante há divergências. O estudo de Leiria (2000) mostrou que a consoante palato-alveolar é inibidora, enquanto no trabalho de Leite, Callou, Moraes (2003), ela foi favorecedora. No trabalho de Aquino (2004) as alveolares e palato-alveolares ora inibem ora favorecem, dependendo do seu vozeamento. No tocante à variável 'vogal seguinte' também não há consenso. A vogal /a/, em João Pessoa, foi favorecedora enquanto no Rio de Janeiro ela exerceu papel neutro. No trabalho de Mello (1994), essa variável nem sequer foi relevante. Como vemos, o assunto ainda não se esgotou e muitos aspectos ainda precisam de esclarecimentos.

Com base na revisão desses trabalhos e nas informações de cunho teórico, partiremos agora para a descrição da metodologia adotada para analisar esses segmentos e processos, a palatalização e ditongação em sílabas travadas por /S/, na fala de moradores nativos da cidade de Florianópolis.

3 METODOLOGIA

Para estudar a realização das fricativas alveolares e palato-alveolares em posição final de sílaba e a ditongação precedida dessas consoantes, optamos por um *corpus* controlado. Um *corpus* autêntico, com certeza, representaria de uma maneira mais precisa a realidade, mas não sem grandes dificuldades metodológicas, pois encontrar um número suficiente de ocorrências nos diversos contextos em que o fenômeno ocorre seria difícil, necessitando-se para isso de extensas gravações. Como o objetivo do trabalho é analisar em que contextos a palatalização e a ditongação são favorecidos, optamos pela elaboração de um *corpus* lido que desse conta de diversos contextos. Além do mais, um estudo com *corpus* espontâneo sobre a palatalização do /S/ em contexto não-morfêmico já foi realizado em Florianópolis (seção 3.2.1), e fazer uma comparação entre esses dois trabalhos é um dos nossos objetivos.

O presente estudo, portanto, constitui-se das seguintes etapas: definição das variáveis lingüísticas e sociais com base nos estudos teóricos; elaboração do *corpus*; coleta de dados através do *corpus* lido junto aos informantes; levantamento das ocorrências da palatalização e ditongação usando um programa de estatística; interpretação dos resultados a partir da fonologia da Geometria dos Traços e das informações acerca das variáveis sociais; e, a título de ilustração, algumas análises acústicas das sibilantes e dos sons antecedentes e precedentes, assim como dos ditongos e monotongos.

Antes, porém, de descrevermos as variáveis e a metodologia usada na pesquisa, faz-se necessário descrever alguns pontos da Teoria da Variação, visto o caráter variacionista dos fenômenos em estudo.

3.1 O ESTUDO DA VARIAÇÃO

Para realizar a pesquisa, tomamos alguns princípios e métodos da sociolingüística, mais especificamente, da Teoria da Variação, apresentada, inicialmente, por Labov em estudos sobre variações fonéticas em Nova Iorque, entre 1963 e 1964, e na ilha de Martha's Vineyard, em 1963.

O princípio fundamental que norteia o trabalho da sociolingüística é de que as forças sociais operam continuamente sobre a língua. Podemos exemplificar isso tomando o estudo de Labov (1972) a respeito da centralização dos ditongos [aj] e [aw] no inglês falado pelos habitantes da ilha de Martha's Vineyard. Segundo os resultados dessa pesquisa, a variante local, conservadora, não-padrão e estigmatizada, que corresponde à pronúncia mais centralizada da vogal /a/, como um schwa, concorre com a variante inovadora, de prestígio, que não é centralizada, trazida pelos veranistas que freqüentam a ilha. A variante conservadora é a forma lingüística mais difundida, isto é, tornou-se a marca local e está sendo exagerada pelos membros da comunidade, como forma de ressentimento à invasão dos veranistas e à exploração econômica decorrente. “Assim, atitudes lingüísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado” (TARALLO, 1986, p. 14).

Além da identidade da comunidade como um todo, outras questões sociais também podem agir sobre as variações da língua, no caso dos estudos tomados como exemplos e o nosso, nas mudanças foneticamente motivadas. Antes, porém, de discutir essas questões, que seriam as variáveis sociais como sexo, idade, escolaridade, entre outras, gostaríamos de mencionar um outro ponto importante

nos estudos de variação lingüística. Estudar a variação e as mudanças na língua significa olhar três questões: i) a origem das variações; ii) a extensão e a propagação das mudanças; iii) a regularidade das mudanças. As variações lingüísticas podem ser estruturalmente motivadas, introduzidas por diferentes processos como assimilação, dissimilação, analogia, entre outros. Essas variações podem ser esporádicas e extinguir-se ou entrar em conflito com uma outra forma já existente. No caso de uma das duas formas deixar de ser usada, dizemos que houve uma mudança, isto é, uma variante tornou-se regular e a outra extinguiu-se.

No presente estudo, estamos lidando com duas regras variáveis, a palatalização e a ditongação. A motivação estrutural para a ditongação, como já discutido na seção anterior, é decorrente de um processo de assimilação (BISOL, 1994). Quanto à palatalização, ela pode ser resultado de um processo dissimilatório ou de assimilação, fato que pretendemos apurar no decorrer do estudo e das análises dos dados. A aplicação ou não dessas regras pelos falantes pode ser favorecida ou não por contextos lingüísticos e sociais diversos. No caso da regra de palatalização do arquifonema sibilante /S/, temos como variável dependente o /S/ pós-vocálico que pode realizar-se como alveolar surda (fe[s]ta), alveolar sonora (me[z]mo), palatal surda (fe[ʃ]ta), palatal sonora (me[ʒ]mo), fricativa laríngea (me[h]mo) ou zero fonético (meømo). No entanto, o que será de fato analisado nesse trabalho são as ocorrências alveolares e palato-alveolar dessa consoante. Como variáveis independentes, temos os diferentes contextos lingüísticos em que a consoante ocorre e as variáveis sociais. No estudo da ditongação, temos como variável dependente o monotongo seguido de /S/ que pode realizar-se como monotongo ou ditongo, e, como variáveis independentes, os contextos lingüísticos e as variáveis sociais. Acreditamos que estamos, em ambos os casos, lidando com

variantes em conflito, ou seja, com variação, e não com processos que evidenciam uma mudança fonética e/ou fonológica.

Já que as forças sociais operam continuamente sobre a língua, concluímos que é preciso considerar também os fatores extralingüísticos envolvidos nos dois fenômenos em estudo. Um dos fatores extralingüísticos que devemos ter em mente na análise das variáveis lingüísticas de nossa pesquisa é o fato da comunidade em estudo ser formada por descendentes de açorianos. Questões históricas, culturais e econômicas podem ajudar a explicar o comportamento da regra da palatalização e ditongação em Florianópolis. Para tanto, reservamos uma seção com o intuito de apresentar algumas informações sobre a localidade escolhida para o estudo. No entanto, esse fator não constitui um novo grupo de fatores - já que todos os informantes residem na mesma localidade - são apenas informações de cunho histórico-cultural que podem nos auxiliar na análise dos dados. As variáveis sociais consideradas nessa pesquisa foram as seguintes: sexo, idade e escolaridade.

A importância dessas variáveis já foi atestada em vários estudos. O nível de escolaridade, de forma geral, parece atuar no sentido de favorecer as formas padrões na medida em que esse nível sobe.

Nos fenômenos de mudança, constata-se que os falantes de maior escolarização tendem a privilegiar mudanças que implementam uma forma socialmente aceita e desfavorecem mudanças que se opõem ao padrão. Apenas no estudo da palatalização, aspiração e queda do /S/ (GRYNER & MACEDO, 1981) os falantes mais escolarizados se mostraram favorecedores de uma forma não-padrão, *no caso a varinate palato-alveolar* (observação nossa) (SILVA, 1996, p. 343)

Um exemplo da influência do nível de escolaridade pode ser extraído do trabalho de Santos (1980), que trata, entre outros fenômenos, da monotongação dos

ditongos [ej] e [ow]. Ele constatou que os mais escolarizados preservam mais a semivogal do que os menos escolarizados.

É interessante observar que mesmo fenômenos que não são diretamente focalizados na programação escolar e alvos da correção dos professores, como a conservação do glide nos ditongos [ej], podem ser condicionados pelo grau de escolaridade do falante. A variante ‘monotongo’ não é estigmatizada e nem alvo de correções, mas o contato com a língua escrita, em que o [j] permanece, e o estudo da classificação dos ditongos em crescentes e decrescentes podem atuar a favor da manutenção da semivogal.

Cruzando as variáveis escolaridade e sexo, notou-se que “de forma geral, as mulheres são mais sensíveis à escolarização do que os homens no sentido de apresentarem ou maiores polarizações entre os resultados máximos e mínimos ou maior regularidade dos resultados” (SILVA, 1996, p. 349). Segundo essa autora, esse fato é coerente com o que se sabe sobre a socialização na escola, em que as meninas se orgulham de serem boas alunas e de competirem pelos primeiros lugares.

Muitos estudos sociolinguísticos feitos no Brasil, tais como Guy (1981) e Oliveira (1982), mostram que, quando o fator sexo é relevante, as mulheres tendem a ser mais conservadoras, ou seja, aplicam menos a regra quando esta forma não for a prestigiada, preferindo a forma padrão. Já em processos em que a regra se refere a processos em mudança em que a variável em questão é padronizada, elas tendem a liderar o processo. É claro que há casos em que essa tendência não se confirma, mas é interessante observar que os exemplos em que isso ocorre são vários. Podemos citar alguns: Guy (1981 *apud* SILVA, 1996), em estudos de fenômenos variáveis na fala do RJ, mostrou que as mulheres retêm o /s/ pós-

vocálico não morfêmico, forma padrão, mais do que os homens; Fisher (1958 *apud* SILVA, 1996) constatou em seu estudo com crianças da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, que as meninas usam mais a forma prestigiada *-ing* do que os meninos; no estudo sobre a preservação dos grupos consonantais finais do inglês, Wolfram (1969 *apud* SILVA, 1996) também verificou que as mulheres tendem a preservá-los enquanto os homens tendem a simplificá-los.

De acordo com Silva (1996), essa tendência pode estar relacionada com várias questões de ordem social. As mulheres têm um papel mais efetivo na educação das crianças e na transmissão das normas de comportamento social, inclusive o lingüístico, e por isso, talvez, tendem a usar as formas de prestígio. Além disso, as mulheres tendem a ser mais receptivas à atuação normatizadora da escola.

Outra questão pertinente é a convivência em grupo. “A predominância de atividades domésticas na vida da mulher faz com que ela permaneça mais em casa e conviva menos em grupo” (SILVA, 1996, p.368). Essa afirmação parece estranha nos dias de hoje em que a mulher está conquistando seu espaço no mercado de trabalho, mas em comunidades do interior, como a do Ribeirão da Ilha, ela ainda faz sentido. O fato dos homens conviverem mais em grupo faz com eles assumam uma linguagem comum, e esta, mesmo não sendo a forma padrão, acaba sendo uma identidade para os seus membros.

A outra variável analisada nessa pesquisa, a idade, também tem sua importância nos estudos de variação. De acordo com Silva (1996), o estudo dessa variável pode apontar para duas direções: “a relação de estabilidade entre variantes lingüísticas – um fenômeno varia mas não muda – ou a existência de mudanças na língua” (p. 350). Quando uma forma inovadora predomina entre os falantes mais

jovens, e os mais velhos preferem a forma mais antiga, podemos estar diante de um processo de mudança em curso.

As diferenças etárias no uso de variantes lingüísticas permitem suspeitar de mudanças em curso, funcionando como evidências do que Labov (1972) denominou de tempo aparente. A comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias pode revelar diferentes estágios de uma língua. Presume-se que a linguagem é adquirida em sua grande parte até aproximadamente 14 anos (puberdade) e, teoricamente, observando-se a linguagem falada por uma pessoa de 50 anos, por exemplo, teríamos um reflexo do que se falava há 36 anos atrás. Assim, as diferenças resultantes da comparação de faixas etárias poderiam indicar mudanças em processo de implementação no sistema. (SILVA, 1996, p. 352-353)

No entanto, o estudo da mudança é mais confiável se feito em tempo real, ou seja, pela comparação da linguagem de uma mesma amostra em dois pontos diferentes no tempo. Porém, esse trabalho é muitas vezes dificultado por questões de ordem prática, como conseguir reencontrar os mesmos informantes.

Há também uma tendência de os falantes mais jovens desfavorecerem a forma padrão. Retomando o estudo da variação do /S/ na região de Cordeiro (GRYNER & MACEDO, 1981), notamos que os falantes mais jovens empregam mais a aspiração e o apagamento, como reflexo da influência da capital do estado, enquanto os mais velhos empregam mais a alveolar.

Essas tendências apontadas de forma alguma são categóricas. Cada caso de variação pode trazer resultados diferentes e análises inovadoras. É importante, também, considerar a relação entre as variáveis, o que pode trazer respostas mais consistentes do que a análise isolada dos grupos de fatores.

Baseados nessas questões trazidas pela sociolingüística variacionista, pensamos na metodologia usada nesse trabalho, referente à seleção de informantes e das variáveis sociais. Lembramos que a escolha de um *corpus* que exige um maior

monitoramento da fala é a opção que atende ao objetivo de comparar nossos resultados aos dados de uma pesquisa com fala espontânea já existente.

A partir de agora, passaremos a descrever as variáveis lingüísticas e sociais para ambos os fenômenos, bem como outros detalhes metodológicos, referentes aos informantes, à coleta de dados e à análise dos mesmos.

3.2 AS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

A partir das variáveis lingüísticas acerca da palatalização e ditongação, montamos o nosso *corpus*. Essa montagem foi feita da seguinte maneira: para cada fator, isto é, para cada contexto, foram escolhidas duas palavras, que foram inseridas em uma frase. Às vezes, uma mesma palavra pôde dar conta de mais de um contexto, de modo que algumas frases acabaram se repetindo, conforme podemos ver no apêndice A. Para maiores detalhes sobre a coleta, ver a seção 3.5. A seguir apresentamos as variáveis, tanto para a palatalização quanto para a ditongação, que serão analisadas nesse estudo.

3.2.1 A palatalização

As variáveis lingüísticas escolhidas, que constituem os diferentes contextos em que a consoante fricativa /S/ ocorre, foram definidas de modo a abranger diversos fatores que poderiam ser relevantes na palatalização ou na sua inibição. Essas variáveis são as seguintes:

- a) Posição na sílaba (m,f¹⁴)

¹⁴ Símbolos usados na decodificação dos dados

Engloba as posições em que o /S/ pós-vocálico pode ocorrer: contextos mediais e os contextos de final de palavra absoluto ou seguido de outra palavra, envolvendo processos de ressilabação. Essas posições são: posição medial, posição final absoluta, posição final não absoluta seguida de vogal e consoante.

Partimos da hipótese de que a posição medial será a favorecedora, visto que, na maioria dos estudos já feitos, como Callou e Marques (1975), Callou e Moraes (1995), Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), essa posição foi destaque. A motivação lingüística para esse fato pode não estar exclusivamente nessa variável, mas pode estar relacionada a outras variáveis, tais como 'contexto seguinte' e 'vozeamento'.

b) Contexto seguinte (1, 2, 3, 7, 8)

Procura englobar o maior número de contextos que seguem o /S/ em posição de coda. Os contextos de consoantes foram divididos de acordo com o ponto de articulação.

- labiais: [p, b, f, v, m]
- coronais: [t, d, l, n], todas com o traço [+anterior]
- dorsais: [k, g, x]

Além desses contextos seguintes, temos ainda \emptyset , quando a fricativa coronal estiver em final absoluto, e vogal, encontrada no início da palavra seguinte.

De acordo com a descrição fonética apresentada na seção 2.2, há a retração do corpo da língua na realização das palato-alveolares, por isso acreditamos que as consoantes dorsais, por também promoverem a retração do corpo da língua, sejam favorecedoras. O contexto labial, como atestam os estudos de Bhat (1978), também pode ser favorecedor, uma vez que há o envolvimento de uma articulação labial, também presente na consoante palato-alveolar.

c) Contexto precedente (A, B, C, D, E)

Incluem-se nesse contexto todas as vogais que podem preceder o /S/ e as semivogais /j/ e /w/. As vogais são agrupadas em labiais [u, o, ɔ], coronais [i, e, ε], dorsal [a] (conforme o modelo de Geometria dos Traços), de modo que não serão analisadas as ocorrências em relação a uma vogal em específico.

Acreditamos que a vogal dorsal, assim como as consoantes dorsais, seja favorecedora. Por outro lado, as vogais labiais também são [+posteriores], isto é, há a retração do corpo da língua, além de terem a protusão labial, o que nos permite levantar a hipótese de que elas também podem favorecer a aplicação da regra. Resta saber em que medida as vogais labiais e a dorsal são condicionadoras da produção palato-alveolar da fricativa coronal /S/.

c) Vozeamento (4, 5, 6)

Essa variável diz respeito ao traço [±voz] da consoante seguinte. Para a produção de uma consoante como o traço [-voz] é usado mais força articulatória do que para uma consoante [+voz], conforme a descrição fonética apresentada na seção 2.2. Esse fato nos permite levantar a hipótese de que o contexto [-voz] será favorecedor, visto que a consoante palato-alveolar tem intensidades maiores que a alveolar.

d) Tonicidade (s, w, o)

Para essa variável não criamos novas frases, fazemos apenas um reagrupamento das frases usadas para as variáveis anteriores. As frases são divididas de acordo com a sílaba em que o /S/ da palavra em questão ocorreu, isto é, em três grupos: tônicas, monossílabas e átonas. No caso das átonas não se considerou relevante dividi-las em pretônicas e postônicas, pois a ocorrência destas últimas foi muito pequena.

Partindo do mesmo princípio usado para tratar da variável 'vozeamento', de que [ʃ, ʒ] são mais intensas, acreditamos que contextos mais fortes, ou seja, as sílabas tônicas, sejam favorecedoras.

3.2.2 A ditongação

A hipótese que norteia o estudo da ditongação em sílabas travadas por /S/ é a de que esse processo não é muito difundido em Florianópolis, visto que alguns estudos, como os de Furlan (1989) e Brescancini (1996) mencionam a ocorrência de monotongação de ditongos travados pela fricativa coronal¹⁵. No entanto, estudos anteriores (LEIRIA, 2000) revelam que o fenômeno ocorre também em Florianópolis. Por isso, achamos prudente não considerá-lo como um processo incipiente, apenas iremos lançar a hipótese de que os falantes preferem a variante vogal simples ao invés do ditongo. Porém, mesmo considerando essa hipótese, queremos avaliar se há contextos que podem condicionar a escolha do ditongo por parte do falante.

No corrente estudo não consideramos as variáveis lingüísticas 'tonicidade' e 'posição silábica', pois não encontramos, em nosso *corpus*, nenhuma ocorrência de ditongação em contextos que não fossem tônicos e finais. Além do mais, os estudos citados na seção 2.5 mostram que, de fato, esses são os contextos que mais favorecem a ditongação, enquanto os demais inibem. Visto que consideramos somente as sílabas tônicas finais, também não levamos em conta o fator '*status* morfêmico' da sibilante, uma vez que morfemas derivacionais ocorrem normalmente em sílabas átonas; e também não avaliamos a variável extensão do vocábulo.

Portanto, as variáveis de ordem estrutural consideradas foram as seguintes:

¹⁵No nosso trabalho, não houve nenhuma ocorrência desse tipo, provavelmente pelo grau maior de monitoramento dos falantes em relação à sua fala do que aquele que encontrado na entrevista de fala espontânea.

a) Vogal da base (A, B, C, D, E)

Nessa variável são considerados os três grupos de vogais: as vogais labiais, as coronais e a dorsal. Acreditamos que a vogal dorsal (vogal baixa /a/) desempenhe um papel mais decisivo do que as outras na formação do ditongo, por esta ser a vogal mais forte, segundo Foley (1977). Segundo esse autor, as vogais frontais são mais fracas que as posteriores, e as altas são mais fracas que as baixas. Essa escala de força das vogais é resultado do estudo de vários processos fonológicos, como a redução, assimilação, nasalização e até apagamento (elisão). Num processo de elisão, por exemplo, a vogal mais forte tende a permanecer enquanto que a outra mais fraca é apagada.

b) Contexto seguinte (p, s)

O contexto seguinte envolve a realização alveolar ou palatalizada do arquifonema /S/. De acordo com a proposta de Bisol (1994), de que na forma subjacente do arquifonema /S/ existe uma articulação secundária, tanto sibilantes quanto palato-alveolares ofereceriam condições favoráveis para a aplicação da regra. No entanto, estamos avaliando a possibilidade de haver alguma relação entre o processo de palatalização e de ditongação. Acreditamos que essa relação se dá no sentido de não ditongação quando ocorre a palatalização.

3.3 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

Conscientes da necessidade de também avaliar as questões sociais nos fenômenos da linguagem, temos os seguintes grupos de fatores:

- idade: indivíduos de 15 a 24 anos, de 25 a 50 anos e de mais de 50 anos;

- grau de escolaridade: até 8 anos, inclusive, e mais de 8 anos. Pensamos em incluir o fator até 4 anos, mas devido à natureza do *corpus*, decidimos deixar esse fator de lado;
- sexo: masculino e feminino.

Em relação ao fenômeno da palatalização, temos as seguintes hipóteses:

1. o fenômeno não é estigmatizado e, portanto, não esperamos encontrar diferenças significativas entre homens e mulheres;
2. trata-se de um fenômeno de variação estável, de modo que acreditamos que tanto os mais jovens quanto os mais velhos palatalizem em proporções semelhantes;
3. quanto ao nível de escolaridade, acreditamos que possa haver preferência pela variante alveolar em sujeitos mais escolarizados, visto que essa variável pode estar associada a outro fator: maior contato com pessoas não nativas do município, quer na escola, quer no trabalho, que não usam a variante palato-alveolar.

Já em relação à ditongação, acreditamos que o fenômeno ocorre preferencialmente em determinados contextos ou palavras, tendo os fatores estruturais maior peso que as variáveis sociais.

Como o processo de ditongação em contexto de sibilante em coda já foi registrado em um estudo feito em 1994¹⁶, lançamos a hipótese de que ele continua acontecendo como regra variável, no entanto, estável, não havendo grandes oscilações nas diferentes faixas etárias. Porém, se considerarmos que muitos florianopolitanos chegam até a monotongar alguns vocábulos, como ['sejʃ] ~ ['seʃ], podemos concluir que o monotongo é a variante preferida, uma marca do

¹⁶ O estudo foi feito nesse ano, no entanto, nós não tivemos acesso ao texto completo, apenas a um artigo resumo publicado posteriormente – LEIRIA, 2000.

falar de Florianópolis. Assim, acreditamos que as mulheres podem apresentar um número maior de ditongação, visto que elas costumam tomar a frente quando se trata de introduzir uma forma não estigmatizada. Mas não estamos diante de uma mudança, trata-se apenas da possibilidade de estar havendo uma melhor aceitação por parte das mulheres de uma forma difundida em outras localidades que vem sendo introduzida em Florianópolis, conforme o resumo dos estudos sobre ditongação apresentados na seção 2.5.3. Quanto à variável escolaridade, pode ser que haja um maior favorecimento da ditongação no grupo dos menos escolarizados, uma vez que o ditongo não existe na forma escrita, largamente usada na escola.

3.4 OS INFORMANTES

Os informantes foram escolhidos de modo a preencher as variáveis sociais delimitadas no item anterior. Trata-se de uma seleção aleatória estratificada, ou seja, criamos as células referentes às variáveis sociais e as preenchemos de forma aleatória. Além disso, eles ainda tinham que ser nascidos na região estipulada para o estudo; ser filhos de pais também originários da região e descendentes de açorianos (a fim de evitar influência de outras culturas) e ter vivido no mínimo 2/3 da sua vida na região.

A comunidade estipulada para o estudo foi a do distrito do Ribeirão da Ilha, por ser uma localidade com um grande número de pessoas nativas do município e descendentes de açorianos. O número de informantes é de 24 pessoas, 12 homens e 12 mulheres.

3.5 A COLETA DE DADOS

A coleta de dados se constituiu na leitura de frases (apêndice B) do *corpus* pelos informantes, gravada em gravador de Md Sony, modelo MZ-RH910. As gravações foram feitas na própria localidade, na casa dos informantes.

Os informantes também preencheram a seguinte ficha, para fins de controle:

Nome:

Idade:

Profissão:

Local de nascimento:

Anos de escolaridade:

Tempo em que vive na localidade:

Filiação – Descendência dos pais:

Escolhemos as casas dos informantes aleatoriamente e, num primeiro contato, após nos apresentarmos, conversamos com o informante para saber se ele se encaixava nas características exigidas. Depois, partimos para a gravação (no mesmo dia, pois a leitura não excedia a 5 minutos). O informante lia as frases no seu ritmo, uma após a outra, e não era interrompido durante esse processo, mesmo que ele tivesse dificuldade com a leitura de alguma palavra ou gaguejasse. No entanto, alguns informantes reliam, sem a nossa solicitação, a frase na qual encontraram dificuldade. Nesses casos, para fins de análise, consideramos a segunda tentativa e ignoramos a frase se a hesitação fosse muito grande. Porém, os casos em que isso aconteceu foram poucos e restringiram-se basicamente às mesmas frases. Uma frase problema foi “esse som é desvozeado”, pelo fato de a palavra ‘desvozeado’ não fazer parte do uso cotidiano desses falantes. A velocidade

da leitura variou pouco entre os informantes, de modo que o tempo de cada gravação ficou em torno dos 3 minutos.

As gravações, na sua grande maioria, foram bem sucedidas, não houve problemas de inteligibilidade, de modo que as transcrições fonéticas transcorreram sem maiores dificuldades. No entanto, para fins de análise acústica, nem todos os dados foram adequados. Como as gravações foram feitas nas casas dos próprios informantes, houve interferência de muitos fatores, como latido de cachorro, carros e ônibus passando em frente a casa, crianças da vizinhança fazendo barulho, etc. Eram coisas sobre as quais não tínhamos controle. Como o microfone usado para as gravações era de alta sensibilidade, não tivemos como escapar dessas interferências, e algumas comprometeram a qualidade da gravação para fins de análise acústica. Por isso, selecionamos com cuidado as melhores gravações para as análises usadas para ilustrar certas explicações fonético-fonológicas.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados coletados abrange etapas distintas. Primeiramente é feita a transcrição fonológica do *corpus*, seguida da transcrição fonética da leitura de cada informante. Passada essa etapa, partimos para a fase do levantamento das ocorrências dos fenômenos em estudo. Para tanto, usamos o pacote de programas estatísticos do VARBRUL (Variable Rule Analysis). Feito o levantamento, passamos para a fase da análise propriamente dita, ou seja, a interpretação dos dados obtidos no levantamento. Concomitantemente com as análises dos dados, são feitas análises acústicas, quando necessárias, dos fones envolvidos nos fenômenos em estudo, através de um *software*, o Praat.

O pacote de programas do VARBRUL é um pacote pensado especialmente para análise estatística de dados lingüísticos. Ele permite a análise de uma variável dependente binária (aplicação ou não da regra variável) cruzada com várias variáveis independentes e nos dá resultados referentes à ocorrência total, peso relativo em relação a cada variável independente e níveis de significância. Para se chegar a esses resultados, precisamos primeiramente editar os dados do *corpus*, codificando-os. Cada variável passa a ser representada por um código escolhido aleatoriamente. Assim, por exemplo, a codificação da palavra ['gostu] é s2sAxjF. Isso quer dizer que nessa ocorrência não houve palatalização (s), ela ocorreu precedida de uma consoante dental (2), em posição tônica (s), antecedita por uma vogal labial (A), dita por um informante com até 8 anos de escolaridade (x), entre 15 e 25 anos (j) e do sexo feminino (F). Depois de ter codificado todas as ocorrências, temos o arquivo pronto para lançar nos outros programas que irão fazer os cálculos estatísticos. O MAKECELL, um dos programas do pacote, calcula as porcentagens de aplicação da regra para cada grupo de fatores. O IVARB, outro programa, calcula as probabilidades dos fatores de cada variável em diferentes níveis, fazendo comparações entre os pesos relativos e estabelecendo os grupos de fatores estatisticamente relevantes. O peso relativo de cada variável nos permite fazer inferências quanto à relevância de determinado fator para a aplicação da regra da palatalização ou ditongação. No caso de o peso relativo ser superior a 0,50, dizemos que o fator favorece aplicação da regra; no caso de ficar em torno de 0,50, podemos afirmar que o fator é neutro para a aplicação da regra; e quando for abaixo de 0,50, que a desfavorece.

A interpretação das informações obtidas no VARBRUL constitui-se na etapa seguinte. Para essa interpretação são levados em conta informações referentes aos

informantes, à localidade e à fonologia da Geometria dos Traços, especialmente no que diz respeito à análise das variáveis lingüísticas.

Quanto à análise acústica, vale lembrar que ela é feita no decorrer do trabalho e serve para ilustrar algumas observações que podemos fazer acerca do estudo da palatalização e ditongação. A análise leva em conta parâmetros como frequência e os formantes das sibilantes [s] e [ʃ] e das consoantes e vogais seguintes e vogais antecedentes. No caso da ditongação, o espectro e os formantes são capazes de ilustrar as diferenças entre uma vogal simples e um ditongo. No entanto, precisamos deixar claro que não se faz necessário analisar todos os dados de todos os informantes. Queremos saber quais as características acústicas de um som em determinados contextos a título de ilustração e não para estabelecer padrões acústicos. Recorremos a esse recurso, por exemplo, para tirar dúvidas na hora da transcrição fonética ou ilustrar, através de algumas ocorrências, a explicação fonológica de determinado fenômeno.

Antes de passarmos para a análise dos dados obtidos com o levantamento das ocorrências do *corpus*, descreveremos, brevemente, a localidade escolhida para o estudo.

3.7 A LOCALIDADE

A localidade escolhida, como mencionado anteriormente, foi o Distrito do Ribeirão da Ilha. Essa escolha deve-se à intuição de que no sul da Ilha de Florianópolis encontraríamos com mais facilidade pessoas nativas da localidade (se comparado ao Centro, por exemplo), pois se trata de uma região considerada por muitos ainda como o interior do município, com grande parte da população

descendente de açorianos que ali se estabeleceram em 1748. Esse fator, ser descendente de açorianos, também nos motivou a escolher essa localidade devido ao fato de estarmos estudando a palatalização da fricativa sibilante em coda. Segundo Furlan (1989), a palatalização do /S/ é um dos traços no falar catarinense que poderiam ter sido introduzidos pela imigração açoriana. De acordo com esse mesmo autor, a palatalização já havia sido registrada em Portugal em 1746, e já poderia estar difundida nas ilhas dos Açores na época da imigração para o Brasil. Sabemos que o fenômeno da palatalização ocorre também em outras regiões do país, como Rio de Janeiro, Belém, Manaus, Salvador, Recife, Fortaleza. É difícil provar que essa palatalização seja resultado da influência açoriana, exceto, talvez, para Santa Catarina e Belém. Na área fônica, “dada a natural propensão à variação, será difícil comprovar a vertente açoriana de algum traço” (FURLAN, 1989, p. 184). No entanto, a hipótese de a palatalização resultar da imigração açoriana nos parece plausível, uma vez que a sua ocorrência fora registrada no português europeu antes da vinda dos açorianos para a Ilha de Santa Catarina.

Deter-nos-emos, então, a uma breve descrição da localidade, a fim de trazer algumas informações de cunho histórico-cultural que poderão auxiliar na análise dos dados coletados.

A vila do Ribeirão, do ponto de vista oficial, foi instituída em 11 de julho de 1809 por alvará de Dom João VI. Hoje, o Ribeirão da Ilha é um distrito do município de Florianópolis e constitui-se de várias localidades menores: Alto Ribeirão, Barro Vermelho, Caiacangaçu, Caieira da Barra Sul, Carianos, Costeira do Ribeirão, Freguesia do Ribeirão, Praia dos Naufragados, Tapera e Sertão do Peri¹⁷. O distrito todo tem uma extensão de 51,54 km² e aproximadamente 18.586 habitantes

¹⁷ Dados obtidos na página <http://www.ipuf.sc.gov.br/instituto/informacoes/distritos.htm>.

(segundo dados do IBGE referentes ao censo de 2000, disponibilizados no site www.pmf.sc.gov.br).

Assim como outras cidades do litoral de Santa Catarina, Florianópolis recebeu, no ano de 1748, uma leva de imigrantes açorianos. Na ocasião da chegada dos primeiros casais de imigrantes, o estado era praticamente despovoado no litoral, havia apenas poucas casas nas vilas de Laguna, Desterro e São Francisco do Sul. Os imigrantes aumentaram a população da Ilha de Florianópolis em 144,6%. Não foi ainda possível determinar o número de açorianos que se estabeleceram no Ribeirão da Ilha na metade do século XVIII. Pelos dados obtidos de livros paroquiais e de cartórios, infere-se que a maioria da população do Ribeirão da Ilha descende da Ilha Terceira, o que se evidencia na arquitetura das casas e ruas da Freguesia da Nossa Senhora da Lapa (PEREIRA, 2003).

Caruso (1997) afirma que a vinda desses imigrantes mudou a região, além de ter sido muito importante para o seu desenvolvimento. Até a chegada dos açorianos, SC continuava mais ou menos à margem do progresso do Brasil. Entre 1748 e 1756, 6000 agricultores açorianos chegaram à Ilha de Santa Catarina, mudando a paisagem social, econômica e política da região, pois eram homens livres, que trabalhavam em terras que eram suas e desenvolveram uma cultura de subsistência (diferente do que acontecia na época no Brasil: mão-de-obra escrava, trabalho em grandes fazendas e produção para a exportação).

Segundo Pereira (2003), até a década de 70, essa vila ficou sem ter contatos mais estreitos com centros urbanos mais desenvolvidos, o que fez com que mantivesse seus traços culturais por mais tempo. Com a melhoria das estradas e da chegada da TV é que começaram a ocorrer algumas mudanças. Mas mesmo assim, muitos traços da cultura açoriana ainda são evidentes. Entre eles podemos citar a

arquitetura das casas e ruas que se mantém em grande parte conservada; festas religiosas e procissões, como o da Nossa Senhora da Lapa e a festa do Divino Espírito Santo; alguns traços no falar como o uso do *tu* e outros vocábulos, a palatalização do arquifonema /S/; a tradição de fazer renda (embora apenas as mulheres mais idosas ainda dominem a técnica); entre outros.

Como o número de informantes para a nossa pesquisa não é muito numeroso, decidimos concentrar a sua escolha em um ponto do distrito do Ribeirão da Ilha. Assim, escolhemos a localidade da Freguesia do Ribeirão da Ilha.

A Freguesia do Ribeirão da Ilha tem uma extensão de 1,2 km, é banhada pelo mar, o que faz com que a praia se torne uma importante fonte para atividades pesqueiras, de transporte e turismo. A arquitetura e a pavimentação das ruas lembram a presença dos açorianos. Segundo Pereira (2003) uma Provisão Régia de Dom João V, emitida em 9 de agosto de 1747, regulamentou a construção de casas e ruas da localidade. “O conjunto arquitetônico, localizado nos 1,2 km da Freguesia, constitui o mais completo ainda existente em Florianópolis representativo da presença açoriana e que se mantém fiel a sua edificação original” (PEREIRA et al, 1991, p. 41).

Segundo Brescancini (1996), a Freguesia tem na pesca e no cultivo de mariscos sua principal fonte de renda, mas há também um número considerável de funcionários públicos, fato que se evidenciou na hora de procurarmos os informantes (dos 24 informantes, 5 são funcionários públicos). Em um trabalho posterior, Brescancini afirma que:

Hoje em dia, são poucos os que ainda vivem da agricultura e em menor número ainda os que vivem da pesca. Os engenhos de aguardente reduziram-se consideravelmente. Uma das atividades econômicas mais rentáveis na localidade, principalmente por não nativos, é a maricultura. Como consequência, a maioria de seus

habitantes nativos que exercem atividade remunerada se deslocam para o centro urbano diariamente, onde trabalham como funcionários públicos ou comerciários. (BRESCANCINI, 2002, p. 212)

Outro fato interessante que percebemos durante a procura de informantes, é o número grande de mulheres que se dedica às atividades domésticas, enquanto os homens trabalham fora (das 12 mulheres entrevistadas, um terço é dona de casa).

A localidade caracteriza-se por ser predominantemente católica, e a igreja de Nossa Senhora da Lapa, construída no centro da Freguesia, é um local de encontro para as famílias ribeironenses, além de ser um atrativo turístico (BRESCANCINI, 1996). A localidade dispõe também de um Centro Social, de um Museu de Etnologia e de uma escola de ensino fundamental e médio.

De posse dessas informações e do aparato teórico apresentado no capítulo anterior, partiremos agora para o levantamento da ocorrência dos fenômenos em estudo e sua análise e interpretação.

4 ANÁLISE DOS DADOS

No total, foram analisadas 1833 palavras para a palatalização e 216 para a ditongação. O trabalho com o pacote de programas do VARBRUL nos mostrou quais foram os fatores estatisticamente mais relevantes para ambos os fenômenos. Passaremos, a seguir, a analisar cada fator, começando pelo mais significativo para o favorecimento da palatalização, e depois seguindo com os demais fatores por ordem de relevância. O mesmo faremos como o processo de ditongação.

4.1 A PALATALIZAÇÃO

A ocorrência total da variante palato-alveolar, em nosso *corpus*, foi de 66%, correspondendo à nossa expectativa de que a palatalização é um fenômeno recorrente em Florianópolis, além de estar de acordo com os estudos anteriores de Brescancini (1996, 2003). O programa IVARB do pacote VARBRUL considerou as seguintes variáveis estatisticamente relevantes: escolaridade, contexto seguinte, gênero, idade e contexto antecedente, nesta ordem. As variáveis tonicidade, posição silábica e vozeamento não foram consideradas significativas. No entanto, consideramos interessante apresentar, ainda que brevemente, a ocorrência global dos fatores dessas três variáveis.

Quanto à tonicidade, verificamos que a maior parte das ocorrências palato-alveolares se encontraram em sílabas tônicas, fato que está de acordo com a nossa hipótese de que a aplicação da regra da palatalização é mais recorrente em contextos fortes. Em relação à variável posição silábica, a porcentagem de fricativas palato-alveolares foi maior na posição medial, assim como ocorreu nos outros

estudos já citados (seção 2.5.1). A outra variável não considerada relevante foi ‘vozeamento’. De acordo com a nossa hipótese, o contexto [-voz] foi mais propício para a palatalização do que [+voz]. Por outro lado, quando o contexto seguinte era uma pausa, a porcentagem também foi bastante alta, como podemos ver no quadro abaixo.

Tabela 1 – Ocorrência global de palatalização nas variáveis ‘posição silábica’, ‘tonicidade’ e ‘vozeamento’

Variável		Fricativa palato-alveolar	Fricativa Alveolar
Posição silábica	Posição medial	70%	30%
	Posição final	59%	41%
Tonicidade	Sílaba átona	68%	32%
	Sílaba tônica	71%	29%
	Monossílaba	50%	50%
Vozeamento	Traço [-voz]	73%	27%
	Traço [+voz]	57%	43%
	Pausa	75%	25%

Em relação ao grupo de fatores vozeamento, vemos que o traço [-voz] e o contexto seguinte ‘pausa’ apresentaram valores bem próximos. Isso se deve, provavelmente, ao fato de o contexto pausa implicar o traço [-voz], atribuído como regra *default*. Além disso, vale esclarecer que o traço [+voz] teve uma média de aplicação menor porque incluímos nesse fator o contexto seguinte vogal. O gráfico abaixo nos permite visualizar como essa variável se comporta na análise dos nossos dados.

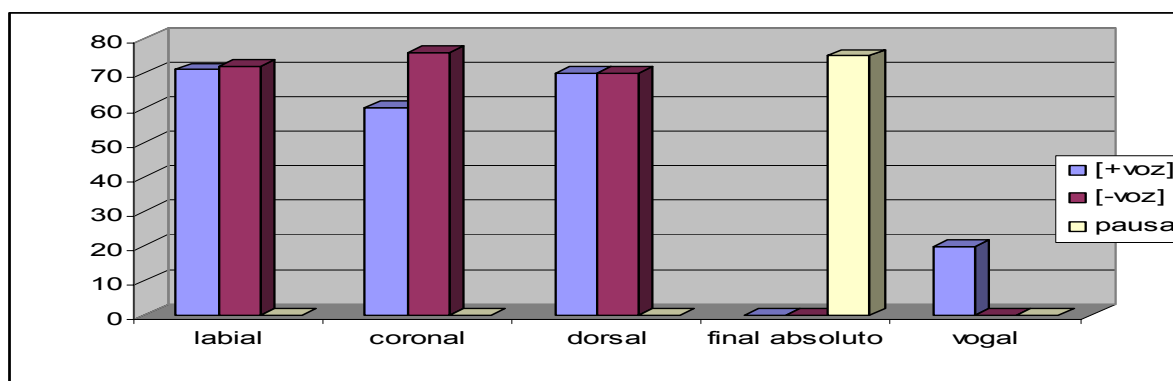


Gráfico 1 – Aplicação da regra de palatalização nos contextos seguintes de consoantes, vogal e vozeamento.

Observando esse gráfico, em que cruzamos o grupo de fatores vozeamento e contexto seguinte, percebemos que, de forma geral, a variável ‘vozeamento’ não foi produtiva para a aplicação da regra de palatalização em nosso *corpus*, havendo apenas uma diferença um pouco maior entre os dois fatores em relação ao contexto seguinte ‘coronal’. O fato de o contexto seguinte vogal ser bastante desfavorecedor (apenas 20%) para o uso da consoante palato-alveolar fez com que a aplicação global do fator [+voz] caísse, conforme tabela 1. No entanto, a preferência pela consoante alveolar nesse contexto está relacionado a outro fato – a presença da ressilabação - e não ao vozeamento propriamente dito.

Passaremos agora a analisar cada uma das variáveis estatisticamente relevantes, obedecendo a ordem de relevância obtida pelo programa IVARB.

4.1.1 A escolaridade

A escolaridade foi o grupo de fatores mais significativo. Observando a tabela abaixo, constatamos que o fator ‘até 8 anos de escolaridade’ favorece o fenômeno, pois o peso relativo é bem alto, enquanto que o fator ‘mais de 8 anos’, não.

Tabela 2 - Resultados referentes ao grupo de fatores 'escolaridade' no processo de palatalização

Fator-escolaridade	Aplicação Total	%	Peso relativo
Até 8 anos de escolaridade	895/1066	83	.75
Mais de 9 anos de escolaridade	534/1072	49	.25
Input: 0,73			Significância: 0.000

Por que a maior escolaridade teria tanta influência no desfavorecimento da palatalização? A nossa hipótese é de que, junto com um maior grau de escolaridade podemos associar ainda um outro fator - o maior contato com pessoas de outras localidades, e até de outros estados que não tem em seu dialeto a variante palato-alveolar, visto que na localidade não há cursos técnicos nem cursos de nível superior, o que obriga as pessoas a saírem do local de moradia para estudar. Além disso, muitos professores da própria escola local também não são nativos, o que também poderia já gerar algum tipo de interferência. O contato com outras culturas e outros falares é, juntamente com o grau de escolaridade, um fator de peso na inibição do processo de palatalização, ainda mais se considerarmos que esse ocorre em algumas cidades de SC, mas não ocorre nos estados vizinhos, de onde vêm muitos dos imigrantes que se instalam em Florianópolis.

4.1.2 O contexto seguinte

A análise de contexto seguinte ao arquifonema sibilante resultou na seguinte tabela.

Tabela 3 - Resultado referente ao grupo de fatores ‘contexto seguinte’ no processo de palatalização

Contexto seguinte	Aplicação total	%	Peso relativo
Consoantes labiais hos[p]ital ônibus [p]ara	387/541	72	.60
Consoante coronal his[t]ória diz [t]er	394/570	69	.54
Consoante dorsal ves[g]o rapaz [k]eu	212/302	70	.56
Final absoluto capaz ø	176/236	75	.59
Vogal diz [i]sso	36/178	20	.07
Input: 0.73			Significância: 0,000

Conforme nossa hipótese, as consoantes dorsais e labiais favoreceriam a aplicação da regra de palatalização. De fato, em nosso *corpus*, o fenômeno foi favorecido por esses dois contextos de consoante seguinte, com um peso maior para as consoantes labiais. Por outro lado, a consoante coronal não foi inibidora, apenas teve um peso um pouco menor que as outras duas classes, fato que não esperávamos, pois essas consoantes não compartilham dos traços [-anterior] e [+alto] das consoantes palato-alveolares, de modo que, em termos articulatórios, não favoreceriam a retração do corpo da língua necessária para a palatalização. Procuramos verificar se esse resultado estava relacionado com outras variáveis. Cruzamos, então, o grupo de fatores contexto seguinte e contexto antecedente. Mas a aplicação da regra nos contextos seguintes foi equilibrada em relação aos contextos antecedentes. Parece-nos que essa variável foi estatisticamente relevante pelo fato de o fator ‘vogal’ ser altamente inibidor, visto que os demais fatores tiveram pesos relativos e uma aplicação da regra em porcentagem bastante próximos.

Ainda observando a tabela 3, percebemos que o fator que mais inibe o processo de palatalização é a vogal. Lembremos que a vogal ocorre sempre em palavra seguinte e que o arquifonema se encontra em posição de final de palavra. O que ocorre é que esse contexto favorece um outro processo, o sândi, ou seja, a formação de uma nova sílaba com o /S/ final e a vogal seguinte. Nesses casos não ocorre palatalização, pois para a formação da nova sílaba usa-se a consoante alveolar. Podemos ver isso melhor nas formas de onda das figuras abaixo, em que apresentamos um fone alveolar seguido de vogal, e outro palato-alveolar. Na primeira figura, não percebemos pausa entre a consoante final e a vogal seguinte; já na segunda há uma pequena pausa, que evidencia que não houve a formação de uma nova sílaba. É claro que na fala espontânea, rápida, nem sempre é possível definir, através da forma de onda, os limites de uma sílaba e nem sempre ocorre uma pausa tão evidente como a do exemplo que mostramos. No entanto, os dados analisados de 6 informantes, cujas gravações estavam adequadas para a análise acústica, mostraram que, nos poucos casos em que ocorreu uma consoante palato-alveolar antes da vogal, houve uma pequena pausa, que podia ser percebida também por um pequeno espaço de tempo em que não aparecem formantes no espectrograma.

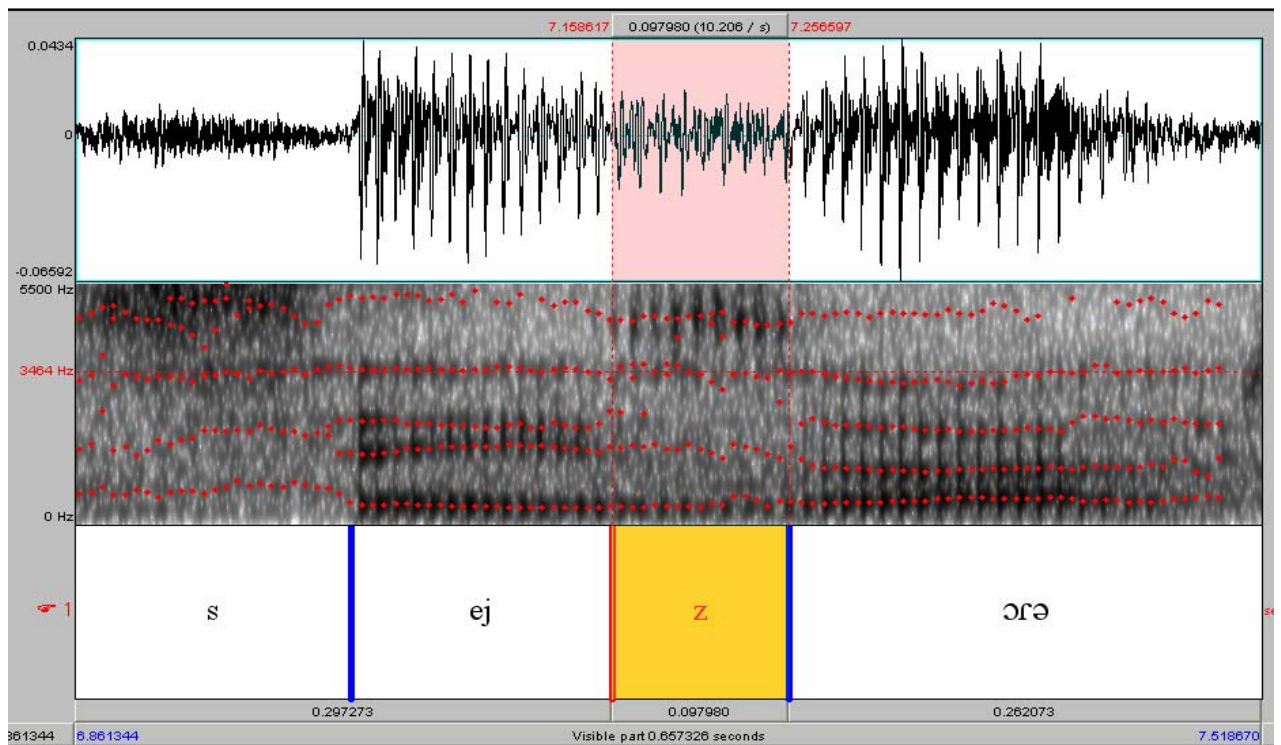


Figura 8 - Forma de onda das palavras [sej'zɔrəʃ] ditas pelo informante 5, com sândi

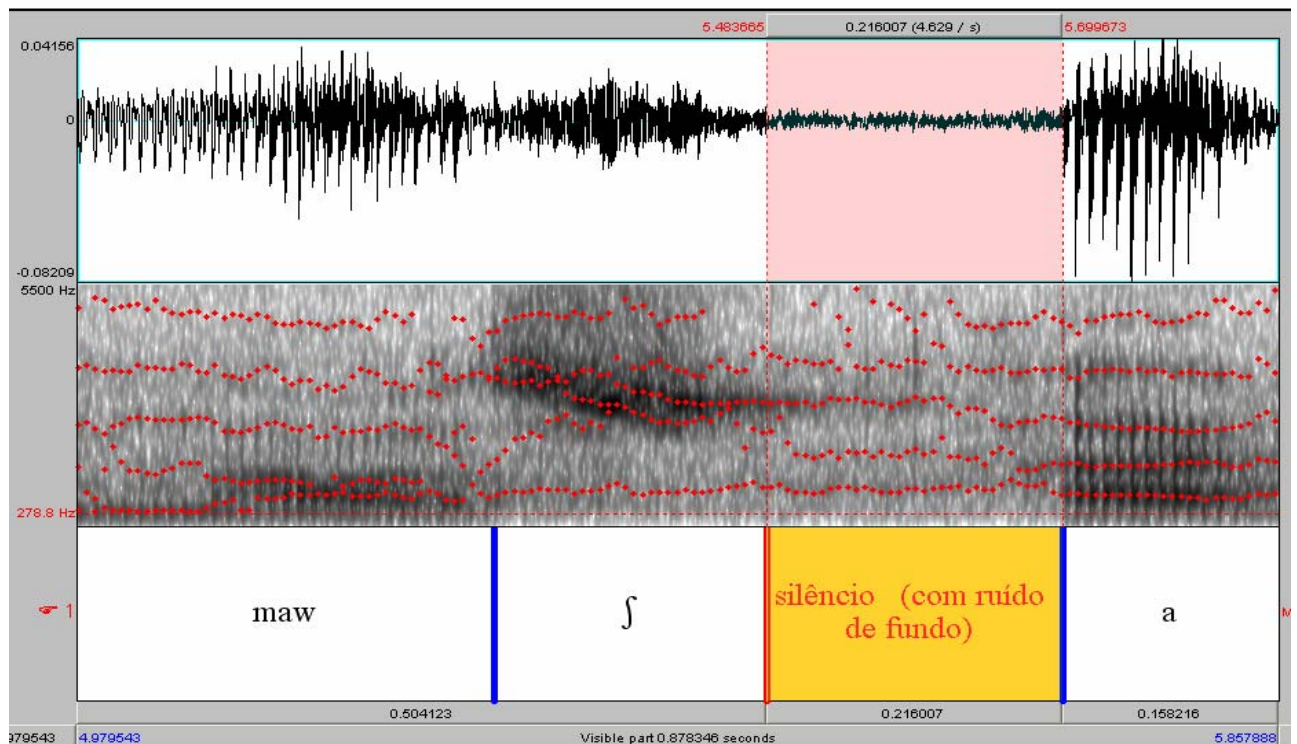


Figura 9 - Forma de onda das palavras [mawʃ'abitʊʃ] ditas pelo informante 5, sem sândi

Voltemos, brevemente, à questão das consoantes coronais. Apenas um de nossos informantes usou como variante coronal a consoante [tʃ]. Essa consoante caracteriza-se por ser coronal [-anterior], assim como o [ʃ] e o [ʒ]. Poderíamos, então, esperar que essas duas consoantes fossem favorecidas nesse contexto. No entanto, não foi isso que aconteceu – o informante usou apenas a consoante alveolar em coda. Esse fato é interessante e pode nos indicar que a opção do falante não foi condicionada por fatores lingüísticos, mas por fatores extralingüísticos, de natureza social. Ou estaríamos diante de um processo de dissimilação em que o falante acentua as diferenças entre as duas consoantes adjacentes, escolhendo uma consoante que compartilha menos traços com o contexto seguinte?

O contexto seguinte \emptyset também foi favorecedor. Não havíamos lançado nenhuma hipótese para esse fator, mas o resultado, considerando que podemos atribuir por regra *default* o traço [-voz] à fricativa sibilante em posição de coda final absoluta, está dentro de nossas expectativas.

Tomando os resultados referentes ao contexto seguinte em nosso *corpus*, podemos dizer, resumidamente, que todos os fatores são favorecedores, com exceção do fator ‘vogal’, devido ao processo de ressilabação.

4.1.3. Sexo

O terceiro grupo de fatores estatisticamente mais relevante foi o sexo. Ao contrário do que esperávamos, houve diferenças expressivas na palatalização para os dois fatores. Vemos que o grupo dos homens favorece a aplicação da regra enquanto que o das mulheres a desfavorecem.

Tabela 4 - Resultado referente ao grupo de fatores 'sexo' no processo de palatalização

Fator- sexo	Aplicação total	%	Peso relativo
Feminino	590/1080	53	.30
Masculino	839/1058	79	.70
Input: 0,73			Significância: 0.000

Ao cruzarmos esse grupo de fatores com a escolaridade, vemos que as mulheres mais escolarizadas palatalizam bem menos do que os homens. Já no grupo dos menos escolarizados, isto é, com até 8 anos, não houve diferenças entre homens e mulheres, ambos preferem a variável palatalizada.

Tabela 5 - Cruzamento dos fatores 'escolaridade' e 'sexo'

	Aplicação da regra	Até 8 anos de escolaridade	Mais de 8 anos de escolaridade
Mulheres	Sim	82%	25%
	Não	18%	75%
Homens	Sim	85%	73%
	Não	15%	27%

Esses dados podem ser melhor visualizados no gráfico abaixo, em que fica evidente que o grau de escolaridade atua no sentido da não palatalização para as mulheres, enquanto que para os homens quase não há diferença.

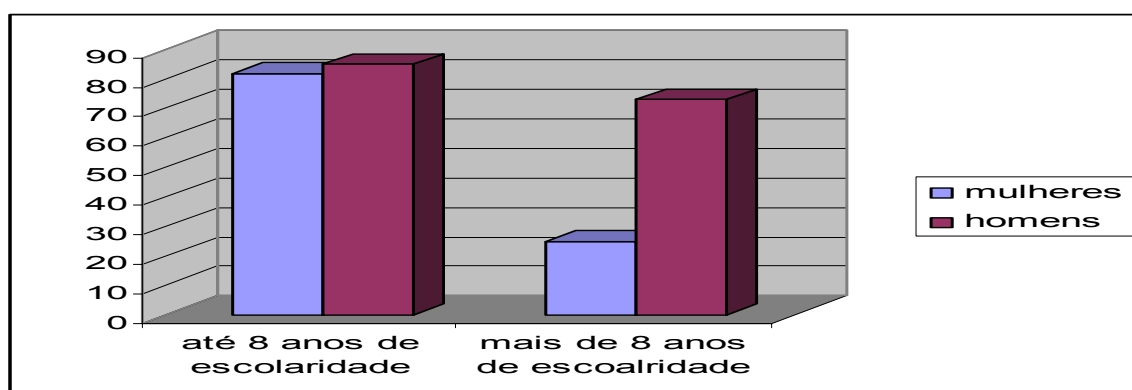


Gráfico 2 – Aplicação da regra de palatalização por homens e mulheres segundo seu grau de escolaridade

Discutimos na seção 3.2 a relação das variáveis ‘escolaridade’ e ‘sexo’ e o papel desta última em diversos fenômenos. Vimos que as mulheres tendem a ser mais conservadoras, ou seja, aplicam menos a regra quando esta forma não for a prestigiada, preferindo a forma padrão. Já em processos em que a regra se refere a processos em mudança em que a variável em questão é padronizada, elas tendem a liderar o processo.

Cabe a nós, agora, pensar a respeito do nosso fenômeno. Trata-se de uma forma não padrão, estigmatizada? Poderíamos pensar que as mulheres aplicam menos a regra porque esta não é a forma prestigiada. No entanto, não acreditamos que a variante palato-alveolar não seja prestigiada, mas, como afirmamos acima, trata-se de um processo não muito difundido no sul do país, o que faz dele uma marca capaz de identificar um nativo de Florianópolis. E como essa cidade está recebendo muitas pessoas de outras cidades e estados, os resultados obtidos nos fazem levantar a hipótese de que os homens mostram uma tendência de manter a marca típica da região, enquanto que as mulheres tendem a se aproximar do padrão dos falantes de fora, de forma a minimizar as diferenças. Por outro lado, podemos dizer que as mulheres mais escolarizadas palatalizam menos, o que nos permite considerar a possibilidade de que elas estejam sendo mais suscetíveis à ação da escola (SILVA, 1996), que, por ser um local onde se encontram muitos alunos e professores de outras localidades, pode influenciar no sentido da não-palatalização. Essa hipótese pode ser facilmente verificada na tabela 5, que mostra que as mulheres com mais de 8 anos de escolaridade preferem a variante alveolar, enquanto os homens aplicam a regra da palatalização.

4.1.4 Idade

O grupo de fatores 'idade' foi listado como sendo o quarto grupo estatisticamente mais relevante.

Tabela 6 - Resultados referentes ao grupo de fatores 'idade' no processo de palatalização

Fator- idade	Aplicação total	%	Peso relativo
15 a 25 anos	321/607	53	.29
26 a 50 anos	453/610	74	.65
Mais de 50 anos	431/179	71	.56
Input: 0.73			Significância:0.000

Percebemos que a variante não ocorre igualmente em todas as faixas etárias. Observamos que a aplicação da regra é bem inferior entre os mais jovens e se mantém relativamente no mesmo nível entre o grupo dos adultos com até e mais de 50 anos. A variação não 'parece tão estável como esperávamos. Talvez estejamos diante de um processo de mudança em que a variante palato-alveolar esteja perdendo espaço. Para fundamentar essa afirmação, teríamos que fazer um estudo mais aprofundado de questões sociais, como: o grande número de pessoas que chegam de outras cidades e estados para morar em Florianópolis; o crescimento econômico; exploração turística mais intensa da localidade; maior contato com centros urbanos, especialmente por parte dos jovens que procuram novas oportunidades de estudo e trabalho, entre outros. Com os dados que temos no momento, podemos apenas considerar a possibilidade de o processo de palatalização estar diminuindo em função de fatores extralingüísticos diversos, o que se retrata na inibição do processo pelo grupo de pessoas mais jovens.

4.1.5 O contexto antecedente

O último grupo de fatores considerado estatisticamente relevante foi aquele referente ao contexto antecedente.

Tabela 7 - Resultados referentes ao grupo de fatores ‘contexto antecedente’ no processo de palatalização

Fator- contexto seguinte	Aplicação total	%	Peso relativo
Vogal labial h[o]spital	221/300	74	.62
Vogal coronal [e]spelho	669/1018	66	.45
Vogal dorsal c[a]stigo	170/226	75	.60
Semivogal /w/ de[w]s	59/93	63	.57
Semivogal /i/ se[j]s	86/190	45	.43
Input: 0.73			Significância:0.000

Ao observarmos a tabela, percebemos que a vogal e a semivogal coronais apresentam pesos relativos bem próximos. O mesmo ocorre com a vogal e semivogal labiais. Como as vogais e semivogais apresentam as mesmas características articulatórias, decidimos amalgamar as semivogais com o fator vogal correspondente, reduzindo, assim, a variável contexto antecedente a três fatores: vogal coronal, vogal labial e vogal dorsal.

Para termos certeza de que não estaríamos perdendo informações significativas com a amalgamação, realizamos o teste do X^2 , que nos permitiu testar se a distinção entre vogal coronal/labial e semivogal coronal/labial é relevante ou não. Para tanto, estabelecemos duas hipóteses: a hipótese nula, na qual os fatores em questão são significativos e, portanto, devem permanecer separados; e a hipótese alternativa, em que admitimos que a distinção entre os fatores não é significativa, podendo ser amalgamados. À hipótese nula corresponde a primeira

rodada no programa de estatística, com todos os fatores; e à hipótese alternativa, a segunda rodada, com os fatores amalgamados. O resultado a que chegamos foi de 0,422, com grau de liberdade 2. A tabela de X^2 consultada indica que a chance da diferença entre as vogais e semivogais não ser significativa é bastante alta, de modo que aceitamos a hipótese alternativa, ou seja, amalgamamos os fatores.

Assim, temos agora a seguinte tabela:

Tabela 8 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘contexto antecedente’ no processo de palatalização – fatores amalgamados

Fatores	Aplicação total	%	Peso relativo
Labial h[o]spital	280/393	71	.61
Coronal [e]spelho	755/1208	63	.45
Dorsal c[a]stigo	170/226	75	.60
Input:0.73			Significância:0.000

Como podemos ver, os fatores ‘vogal labial’ e ‘vogal dorsal’ favoreceram a aplicação da regra, enquanto que o fator ‘vogal coronal’ desfavoreceu. Esses resultados confirmam a nossa hipótese e estão de acordo com a constatação de Bhat (1978) de que a palatalização é favorecida por vogais posteriores e frontais, resultados que o autor obteve com a análise desse fenômeno em 120 línguas de diferentes famílias e dialetos.

Em relação aos nossos dados, o fator ‘labial’ foi mais favorecedor que o fator ‘dorsal’, porém com uma diferença de peso relativo muito pequena. Podemos concluir que, em nosso *corpus* lido, tanto um certo grau de elevação da lâmina da língua promovido pelas vogais labiais, quanto a retração do corpo da mesma decorrente da articulação das vogais dorsais, favorecem a aplicação da regra de palatalização. Retomando a seção 2.2, em que fazemos uma descrição fonética

detalhada das sibilantes coronais segundo Laderfoged e Maddieson (1993), vemos que, no [ʃ], a lâmina da língua é erguida, com a parte central acima do nível das laterais da língua. Além disso, as consoantes palato-alveolares e as vogais labiais têm em comum a protusão labial. O arredondamento, associado a outros fatores, contribui para que o som fricativo tenha picos espectrais em faixas de frequências mais baixas, característica das consoantes palato-alveolares, mais graves que as alveolares.

4.2 A DITONGAÇÃO

A análise estatística dos nossos dados feita com o pacote de programas do VARBRUL nos mostrou que a aplicação da regra se deu em 38% dos casos, confirmando nossa hipótese de que o fenômeno não é muito difundido em Florianópolis. As variáveis consideradas estatisticamente relevantes foram 'contexto seguinte', 'vogal de base', 'idade' e 'gênero'. A variável 'escolaridade' não foi significativa, teve como aplicação total 45% para o fator 'até 8 anos de escolaridade' e 31% para 'mais de 8 anos de escolaridade'. Em todas as rodadas feitas pelo programa, os pesos relativos desses dois fatores ficaram próximos, girando entre 0.45 e 0.55, com peso relativo menor para o fator 'mais de 8 anos de escolaridade', como esperávamos.

4.2.1 Contexto seguinte

Essa variável foi a mais relevante na aplicação da regra. A tabela abaixo nos mostra que a ditongação é favorecida quando, no contexto seguinte, tivermos uma sibilante alveolar.

Tabela 9 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘contexto seguinte’ no processo de ditongação

Fator- contexto seguinte	Aplicação total	%	Peso relativo
Sibilante alveolar fregue[s]	43/70	61	.72
Sibilante palato-alveolar fregue[ʃ]	37/134	28	.38
Input: 0.36			Significância: 0.045

De acordo com a nossa hipótese, tanto as sibilantes alveolares quanto as palato-alveolares oferecem condições favoráveis para a ditongação, considerando que, na forma subjacente, /S/ tenha a articulação secundária representada pelo nó vocálico, que se espraia e forma o ditongo (seção 2.4). No entanto, os resultados mostram que a sibilante alveolar é uma grande favorecedora enquanto a palatalizada inibe o processo. Para explicar esse fato em termos estruturais, recorreremos ao trabalho de Paiva (1996), no qual a autora explica a ausência do glide /j/ em ditongos seguidos de consoante palato-alveolar na sílaba seguinte como o “efeito de desfazer cadeias constituídas de segmentos foneticamente semelhantes, evitando, assim, a repetição de traços” (PAIVA, 1996, p. 230). O glide anterior /j/ e as consoantes complexas palato-alveolares /ʃ, ʒ/ compartilham do traço [+alto], isto é, se observarmos a representação de uma consoante complexa (fig. 5), veremos que o nó-vocálico que dá conta de sua articulação secundária é [-ab1,-ab2,-ab3], traços que caracterizam uma vogal alta. Assim, a semivogal que resultaria do espraio desse nó não se realiza foneticamente por compartilhar um número

maior de propriedades fonéticas com a consoante seguinte que é pronunciada como palato-alveolar, o que não ocorre quando esta for uma alveolar, na qual a articulação secundária existe apenas na forma subjacente (BISOL, 1994).

Vimos, então, que os falantes da nossa amostra preferem o monotongo ao ditongo em contexto de consoante seguinte palato-alveolar. A nossa pergunta passa a ser a seguinte: esses dois fenômenos – a palatalização e a ditongação - estão associados? Para testar se há associação e qual o grau dela, usamos o chamado Coeficiente de Correlação de Pearson, apropriado para descrever a correlação linear de duas variáveis quantitativas. Esse coeficiente nos mostra se existe uma correlação e qual a força dessa correlação, isto é, se é forte, fraca ou moderada. A fórmula usada para se chegar a esse coeficiente é a seguinte:

$$r = \frac{n \cdot \sum (X \cdot Y) - (\sum X) \cdot (\sum Y)}{\sqrt{n \cdot \sum X^2 - (\sum X)^2} \cdot \sqrt{n \cdot \sum Y^2 - (\sum Y)^2}} \quad \text{onde:}$$

n - é o número total de pares observados, no caso da nossa amostra, 24 (o número de informantes);

X - o número de palatalizações

Y - o número de ditongações

\sum - somatória

O resultado dessa equação fica sempre entre -1 e 1. Quando o resultado é positivo, dizemos que os dados estão relacionados positivamente, ou seja, X e Y caminham no mesmo sentido, o que, no nosso caso, significaria que, quanto mais palatalizações, mais ditongações. Já o resultado negativo nos mostra que X e Y

caminham em sentidos opostos, isto é, quanto maior a ocorrência da variante palato-alveolar, menor a de ditongos.

O valor do coeficiente nos indica a força da correlação. Se o resultado for 1 (positivo ou negativo), a correlação é perfeita; em caso de o resultado ser 0 (zero) ela não existe. O cálculo feito com nossos dados resultou em -0,47. Podemos, então, dizer que a correlação se dá no sentido negativo, confirmando a nossa hipótese e os resultados da tabela 9, isto é, os sujeitos que mais palatalizam são aqueles que menos ditongam. No entanto, essa correlação não é perfeita. O valor nos permite dizer que essa correlação é moderada, tendendo para fraca, pois o valor está mais próximo de 0 (zero) do que de um.

4.2.2 A vogal de base

A análise desse grupo de fatores em nossos dados nos relevou que as vogais labiais (vogais posteriores /ɔ, o, u/) favoreceram a inserção do glide em sílabas travadas por /S/, a vogal dorsal (vogal baixa /a/) foi neutra e as vogais coronais (anteriores /ɛ, e, i/) inibiram a aplicação da regra.

Tabela 10 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘vogal de base’ no processo de ditongação

Fator- vogal de base	Aplicação total	%	Peso relativo
Vogal labial arr[o]z	37/69	54	.67
Vogal coronal fregu[e]s	16/69	23	.33
Vogal dorsal atr[a]s	27/70	39	.50
Input: 0.36			Significância: 0.045

Estávamos prevendo que a vogal dorsal fosse favorecedora, por ser mais forte, conforme Foley (*op. cit*), no entanto, ela apresentou comportamento neutro. Em termos articulatórios, poderíamos dizer que o que acontece é que quanto maiores as diferenças articulatórias, mais propício é o contexto para a inserção do glide. Por esse motivo, as vogais coronais são inibidoras e as labiais, que são posteriorizadas, favorecem a ditongação, visto que a semivogal [j] é frontalizada. Essa diferença é minimizada em relação à vogal /a/, pois esta é mais centralizada e não é arredondada, outra característica que distingue a semivogal coronal das vogais labiais.

4.2.3 Idade

Em relação ao grupo de fatores ‘idade’, vemos que os mais jovens e os mais velhos favorecem mais a regra, enquanto que a faixa intermediária inibe o processo (tab. 11). Os resultados obtidos com nossos dados podem evidenciar que se trata de variação estável, uma vez que “os grupos extremos – jovens e velhos – apresentam o mesmo comportamento, contrastando com a população de meia-idade” (NARO, 1973, p. 84). Esses resultados estão de acordo com a nossa hipótese de que a ditongação em sílabas travadas por sibilante coronal não é um processo incipiente ou uma situação de mudança em progresso.

Tabela 11 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘idade’ no processo de ditongação

Fator- idade	Aplicação total	%	Peso relativo
15 a 25 anos	30/65	46	.54
26 a 50 anos	19/71	27	.34
Mais de 50 anos	31/72	43	.62
Input: 0.36			Significância: 0.045

No entanto, se considerarmos que a palatalização e a ditongação são processos correlacionados, percebemos que há controvérsias nos resultados, pois a palatalização foi favorecida no grupo dos mais velhos, de modo que esperaríamos que eles também preferissem o monotongo, o que não acontece, como podemos ver na tabela 11. Para tentar explicar esse fenômeno, cruzamos os dados referentes à variável idade e sexo. Observamos, em primeiro lugar, que as mulheres ditongam mais que os homens, ponto que discutiremos na seção abaixo. Isso está de acordo com as nossas hipóteses levantadas e testadas acerca da associação entre os dois fenômenos: as mulheres palatalizam bem menos, logo, ditongam mais. Em relação à idade, homens e mulheres mostraram comportamentos diferentes. A variação de ditongação entre homens de diferentes faixas etárias foi pequena, enquanto que entre as mulheres ela foi bem maior. Observemos o gráfico abaixo:

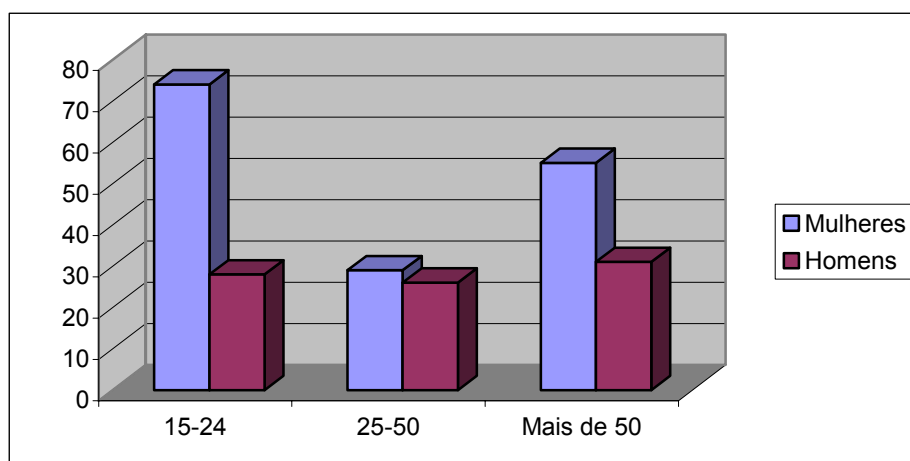


Gráfico 3 – Ocorrência de ditongações entre homens e mulheres de diferentes faixas etárias

Vemos que a ditongação ocorreu em números altos entre os mais velhos, principalmente entre as mulheres, deixando ainda em aberto a questão da divergência. Mas temos que considerar que, conforme vimos na seção 4.2.1, a correlação entre os fenômenos de palatalização e ditongação não é perfeita, é

moderada tendendo a fraca. Isso talvez possa explicar porque há essa discrepância nos dados referentes a aplicação da regra de ditongação e palatalização entre os mais velhos.

4.2.4 Sexo

O fator sexo foi o quarto grupo de fatores relevantes na regra de ditongação.

Vejamos os resultados na tabela a baixo:

Tabela 12 – Resultados referentes ao grupo de fatores ‘sexo’ no processo de ditongação

Fator- gênero	Aplicação total	%	Peso relativo
Feminino	51/107	48	.58
Masculino	29/101	29	.41
Input: 0.36			Significância: 0.045

As mulheres ditongam mais do que os homens. Novamente voltamos à questão discutida na análise do processo de palatalização, em que as mulheres preferem a variante alveolar, como em [ɪs 'peʌv], em detrimento da variante palato-alveolar [ɪʃ 'peʌv]. Consideramos a hipótese de que os homens tendem a manter a marca típica da região (no caso, a palatalização) enquanto as mulheres tendem a se aproximar do padrão dos falantes de fora. Para afirmar isso, nos baseamos na análise do papel das variáveis sociais em estudos de variação feita por Silva (1996), em que a autora afirma que o homem, por ter vida social mais intensa, tende a estender o uso de uma linguagem comum, mesmo que essa não seja prestigiada, como forma de assinalar sua identidade com o grupo, o que Labov (1966 apud SILVA, 1996) chamou de “prestígio encoberto”. Segundo nossos dados, a inserção de glide em sílabas travadas por fricativa coronal não é muito recorrente na

comunidade pesquisada, de modo que a forma mais usada, típica da região, é a de monotongo, a preferida dos homens, como mostram nossos resultados. Confirmando nossa hipótese, as mulheres mostram uma melhor aceitação da variante menos usada.

4.3 DISCUSSÃO

Nessa seção, discutiremos as análises das variáveis estruturais, trazendo um resumo explicativo-teórico à luz da Fonologia da Geometria de Traços e da interface entre fonética e fonologia. Trataremos também das variáveis sociais, avaliando, baseado na teoria variacionista, as possíveis interferências de um *corpus* lido nos resultados. Além disso, compararemos os resultados da nossa amostra com os resultados do trabalho de Brescancini (1996), que usou um *corpus* de fala espontânea.

Em relação à palatalização, nossos resultados apontaram para o favorecimento da aplicação da regra em contextos seguintes de consoante dorsal [k, g, x] e labial [p, b, m, f, v]. Para entender melhor porque isso acontece, nos valem da descrição fonética (articulatória) dos sons envolvidos. A Fonologia da Geometria de Traços (GT), ao determinar a representação dos segmentos leva em conta essas características fonéticas, mas nem sempre especifica detalhadamente todos os traços, uma vez que determinados movimentos articulatorios estão sempre presentes em determinada classe de consoante, segundo seu ponto de articulação, sendo, portanto, redundantes. Na representação que apresentamos no capítulo da revisão bibliográfica, o ponto da consoante pode ser labial, coronal ou dorsal. As consoantes labiais têm como articulador ativo os lábios, as coronais, a parte frontal

da língua e as dorsais envolvem o corpo da língua (CLEMENTS & HUME, 1993). Outros traços que trazem maiores detalhes sobre o ponto de articulação, comumente usados nas matrizes fonéticas do modelo gerativista, como [posterior] e [alto], não são especificados na representação da GT. Na discussão apresentada por Clements (1985), o autor afirma que esses traços só precisam ser especificados quando eles são responsáveis pela distinção fonológica entre segmentos, como é o caso das consoantes com articulação secundária. Em consoantes plenas esses traços não são especificados.

No entanto, consideramos o detalhe fonético e a questão articulatória importante para a nossa discussão. A consoante palato-alveolar é [-anterior], traço que surge da presença da articulação secundária. As consoantes dorsais não têm nenhuma especificação a respeito do traço [\pm anterior], mas sabemos que elas são produzidas com a retração e elevação do corpo da língua e, portanto, podemos dizer que são [-anteriores] e [+altas], assim como as consoantes palato-alveolares. Quando a sibilante palato-alveolar ocorre em maior frequência nesses contextos, podemos dizer que a realização de sons com traços em comum é favorecida, como num processo de assimilação. Mas vimos, na revisão de alguns estudos acerca da palatalização que isso nem sempre ocorre. No caso do estudo feito em João Pessoa (HORA, 2003), a consoante palato-alveolar é favorecida em contextos de consoante seguinte que não tem traços em comum, as consoantes coronais [t,d], [+anteriores], tratando-se, como o próprio autor diz, de um processo de dissimilação. Algo semelhante encontramos em nossa amostra, em que um dos informantes usou as variantes coronais [-anteriores] [tʃ, dʒ] e as consoantes alveolares [s,z], que são [+anteriores], em coda.

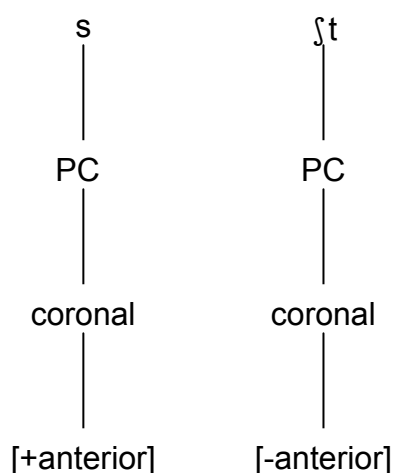


Figura 10: Representação do ponto de C da seqüência de consoantes [stʃ] da palavra [kas'tʃigʊ]

Em relação ao contexto seguinte labial, novamente, o detalhe fonético também tem papel importante. A configuração dos lábios para a produção dessas consoantes parece indutora para a produção de uma consoante palato-alveolar, pois estas apresentam uma configuração labial mais arredondada do que as alveolares [s, z]. Partindo dessas observações, podemos dizer que as análises do nosso *corpus* apontam para o fato de que o fenômeno da palatalização está sendo motivado no sentido de enfatizar semelhanças articulatórias.

Em relação ao contexto antecedente, também podemos fazer inferências semelhantes. O processo de palatalização é favorecido em contextos antecedentes de vogais dorsais e labiais. As vogais dorsais favorecem a retração do corpo da língua, enquanto as labiais, além de também serem posteriorizadas, são produzidas tendo como articuladores ativos os lábios, responsáveis pelo arredondamento.

O fenômeno da ditongação, embora não muito recorrente em nossos dados, parece estar sendo motivado por um processo de dissimilação em relação ao contexto seguinte. A semivogal epentética [j] compartilha o traço [+alto] com o

consoante seguinte palato-alveolar. Esse traço [+alto] é decorrente dos traços de abertura [-ab1, -ab2, -ab3] da semivogal e da articulação secundária do [ʃ], pois o registro [-aberto] é atribuído a vogais altas (ver seção 2.1, figura 3). Além disso, tanto vogais coronais quanto as consoantes coronais palato-alveolares são [-anteriores]. Vale lembrar, no entanto, que o ditongo existe apenas no nível da realização fonética, como variante, e não no nível subjacente da palavra. Ele resulta do espraçamento do nó vocálico do arquifonema /S/ e a não realização fonética do glide significa economia, pois traços idênticos adjacentes deixam de ser pronunciados.

Ainda sobre a ditongação, o contexto antecedente também parece estar apontando para ênfase das diferenças articulatórias, visto que as vogais coronais não são favorecedoras.

A consistência dessas análises a partir da fonologia da GT e dos gestos articulatórios pode ser reforçada se compararmos os nossos resultados com os de outros estudos, especialmente a respeito da palatalização. Os resultados do estudo da Brescancini (1996) com comunidades florianopolitanas e os nossos apontam para comportamentos semelhantes em relação às variáveis estruturais, embora haja discrepâncias acerca da relevância estatística delas. As semelhanças encontradas foram as seguintes:

- as consoantes dorsais em contextos seguintes são favorecedoras, assim como a vogal dorsal em contextos antecedentes também;
- contextos mais fortes, como sílabas tônicas e consoantes [-voz] são favorecedoras¹⁸;

¹⁸ Essa comparação foi feita a partir dos valores absolutos da ocorrência da palatalização, conforme a tabela 1, pois os fatores tonicidade e vozeamento não foram considerados estatisticamente relevantes na nossa amostra. O mesmo aconteceu com o fator posição silábica.

- a posição silábica que favorece a aplicação da regra de palatalização é a medial;

As diferenças entre esses dois trabalhos dizem respeito à ordem de relevância das variáveis, tanto as lingüísticas quanto as sociais, e ao peso do contexto seguinte labial. O contexto labial, em nossos dados, mostrou-se favorecedor, enquanto que na pesquisa de Brescancini, não. Os nossos resultados corresponderam às hipóteses que tínhamos levantado. No entanto, a diferença que mais nos chamou a atenção, diz respeito à ordem de relevância das variáveis: duas variáveis consideradas relevantes na análise de Brescancini (1ª e 3ª posição) nem sequer foram consideradas significativas em nossa amostra – traço [voz] e posição silábica, respectivamente. Além disso, o fator vozeamento também foi o mais significativo no trabalho posterior da mesma autora (2003) com dados do Varsul. O mesmo aconteceu com o grupo de fatores ‘tonicidade’. Em relação às variáveis sociais, também houve diferenças de ordem e o fator ‘idade’ não foi significativo no trabalho de Brescancini, enquanto que no nosso, foi.

Temos que considerar, em primeiro lugar, que havia mais variáveis envolvidas na análise de Brescancini, tanto sociais quanto lingüísticas (classe de item lexical, região e contato externo), do que no nosso trabalho. A relevância dessas variáveis poderia alterar a relevância das demais, de modo que fica mais difícil estabelecer parâmetros para uma comparação. Além disso, as porcentagens de aplicação da regra da palatalização no caso do vozeamento, posição silábica e tonicidade conferem com os resultados obtidos por Brescancini,

Mas a pergunta que nos fazemos é a seguinte: o maior grau de monitoramento sobre a fala em nosso *corpus* teria influenciado em nossos

resultados? Acreditamos que a resposta seja sim e alguns indícios podem fundamentar essa suspeita:

- o trabalho de Brescancini (1996) registrou a ocorrência de monotongações em palavras como ['sej§]~['se§], [maj§]~[ma§], [doj§]~[do§]. Essas palavras também apareceram em nossos dados, mas os ditongos foram sempre pronunciados;

- o fato de todas as variáveis sociais terem sido relevantes no processo de palatalização pode indicar que o falante, mais consciente de sua fala, acabou evidenciando características de sua faixa etária, escolaridade e gênero. Essas variáveis, com exceção da escolaridade, também foram relevantes no processo de ditongação.

Com base nessas constatações, poderíamos, talvez, dizer que o fato de o *corpus* não ser de fala espontânea tenha influenciado nos resultados referentes à relevância estatística das variáveis. No entanto, mais estudos com dados de fala não espontânea teriam de ser feitos para podermos fazer afirmações mais consistentes.

O que podemos avaliar, no momento, é se o uso variável da palatalização se comporta como marcador lingüístico, isto é, se há variação estilística (TARALLO, 1985) na aplicação da regra. Para tanto, compararemos as porcentagens do uso da variante palato-alveolar nos contextos das variáveis sociais gênero e escolaridade¹⁹. Consideramos o *corpus* de Brescancini (1996) como informal, mais próximo do vernáculo; e o nosso, formal, como aquele que não representaria o vernáculo. Segundo Tarallo (1985) “se a escolha entre as variantes for de natureza estigmatizada ou de prestígio, o estilo formal bloqueará a variante supostamente estigmatizada” (p. 52). Temos, então, os seguintes dados:

¹⁹ Não consideramos a variável idade, pois usamos uma estratificação diferente da usada no trabalho de Brescancini (1996), de modo que não foi possível estabelecer parâmetros para a comparação. Já em relação à escolaridade, juntamos dois fatores, a saber, ‘de zero a 4 anos’ e ‘de 4 a 8 anos de escolaridade’, da pesquisa da autora referida em um único fator - ‘até 8 anos’ - para poder fazer um paralelo com o nosso estudo.

Tabela 13: Aplicação da regra da palatalização, segundo as variáveis sexo e escolaridade, em estilo formal e informal.

	Informal	Formal
Homens	70%	79%
Mulheres	78%	53%
Até 8 anos de escolaridade	75%	83%
Mais de 8 anos de escolaridade	72%	49%

Observando essa tabela, percebemos que há variação na aplicação da regra nos dois estilos. As mulheres mais escolarizadas palatalizam menos em situações mais formais. Esses números apontam para uma provável estigmatização da variável, uma vez que as mulheres, conforme muitos estudos revelam (op. cit p. 48) preferem a forma padrão. O mesmo podemos dizer em relação às pessoas mais escolarizadas que, em situações mais formais, em que há um maior cuidado com a fala, tendem a usar mais a variante prestigiada.

Essas constatações nos fazem repensar a afirmação que fizemos na seção 4.1.3 de que a variante palato-alveolar não seria estigmatizada. A questão é complexa e um estudo de cunho social mais aprofundado da região seria necessário, no entanto, não é nosso objetivo no momento. O que podemos dizer, a partir do que pesquisamos até então, é que a Freguesia do Ribeirão foi povoada por imigrantes açorianos, o que se reflete inclusive na arquitetura do lugar, e que a localidade é do interior do município, tendo, ainda, como atividade econômica mais difundida, a pesca. Mas o progresso/crescimento econômico, o turismo, a migração estão atingindo o local. Resta saber em que proporção isso acontece e até que ponto isso influi na estigmatização da variante palatalizada do arquifonema /S/.

Vimos, portanto, com essa discussão acerca de nossos dados e da comparação dos mesmos com um estudo de fala espontânea, que a Fonologia da Geometria de Traços é um modelo capaz de fornecer subsídios básicos para

explicar os fenômenos da palatalização e da ditongação, mas às vezes é interessante ir um pouco além e se deter na questão dos gestos articulatórios envolvidos na produção dos sons para apresentar explicações mais consistentes. Vimos também que, apesar desses temas já terem sido estudados, questões novas ainda podem ser discutidas, como por exemplo, o papel do monitoramento da fala nos processos envolvidos.

Para finalizar a trabalho, apresentaremos a seguir as conclusões a que chegamos a partir das nossas análises e discussões, segundo o referencial teórico proposto para a pesquisa.

5 CONCLUSÃO

Nesse trabalho, analisamos a ocorrência de palatalização do arquifonema /S/ e de ditongações em sílabas travadas por essa mesma sibilante em um *corpus* lido. Nossos objetivos foram, em primeiro lugar, analisar os diversos contextos lingüísticos em que esses processos ocorrem, avaliar o peso de variáveis sociais e, por fim, comparar nossos resultados com os de um estudo feito a partir de um *corpus* de fala espontânea com informantes que preenchem as mesmas condições: ser nativo de Florianópolis ou ter vivido, pelo menos, dois terços de sua vida no referido município.

Como variáveis estruturais no processo de palatalização tínhamos: contexto seguinte, envolvendo consoantes labiais, coronais e dorsais, além do final de palavra; contexto antecedente, em que figuraram as vogais labiais, coronais e dorsais, assim como as semivogais /j, w/; tonicidade; posição silábica e vozeamento da consoante seguinte. Como variáveis sociais tínhamos sexo, escolaridade (até oito anos de escolaridade e mais de oito anos) e idade, grupo dividido em três fatores – de 15 a 25 anos, de 25 a 50 anos e mais de 50 anos.

Quanto à ditongação, além das variáveis sociais sexo, escolaridade e idade, analisamos duas variáveis estruturais: o contexto seguinte (consoante alveolar ou palato-alveolar) e vogal de base, que poderia ser labial, coronal ou dorsal. Não incluímos, em nosso estudo, outras variáveis, muitas vezes citadas em outros estudos (MELLO, 1994; LEIRIA, 2000; TASCA, 2005; AQUINO, 2004), como tonicidade, posição silábica, extensão do vocábulo e a presença de sândi, pois a conclusão a que chegamos a partir dessas leituras é de que a ditongação em sílabas travadas pela sibilante /S/ ocorre quase que exclusivamente em sílabas

tônicas e finais, o que não significa dizer que ela não possa ocorrer em outros contextos.

Demos um tratamento quantitativo a essas variáveis, usando o pacote de programas estatísticos VARBRUL. Os resultados a que chegamos em relação à palatalização foram os seguintes (variáveis apresentadas em ordem decrescente de relevância estatística):

1. escolaridade: o fator 'até 8 anos de escolaridade' favorece a aplicação da regra enquanto que o fator 'mais de 8 anos de escolaridade' inibe;
2. contexto seguinte: o contexto mais favorecedor foi o fator 'consoante labial'.
Os demais contextos também foram favorecedores, com exceção do contexto seguinte 'vogal', que foi um forte inibidor;
3. gênero: as mulheres palatalizam menos do que os homens;
4. idade: os fatores 'entre 25 e 50 anos' e 'mais de 50 anos' foram favorecedores, enquanto que o grupo de pessoas mais jovens, entre 15 e 25 anos desfavoreceu o processo;
5. contexto antecedente: as vogais labiais, fator amalgamado com a semivogal /w/, mostraram-se como contexto mais propício para a palatalização, ao passo que os contextos coronais, não. A vogal dorsal também favorece o processo.

As variáveis tonicidade, posição silábica e vozeamento da consoante seguinte não foram consideradas estatisticamente relevantes pelo programa, no entanto, a porcentagem de ocorrência foi maior em contextos fortes, como em sílabas tônicas e contextos desvozeados, e em sílabas mediais.

Em relação à ditongação os resultados foram os seguintes:

1. contexto seguinte: a variante alveolar [s] favorece o processo de ditongação;

2. vogal de base: as vogais labiais foram condicionadoras, enquanto que a vogal dorsal apresentou comportamento neutro e as vogais labiais foram inibidoras;
3. idade: os mais jovens e os mais velhos favorecem a aplicação da regra e a idade intermediária, entre 25 e 50 anos, desfavorece;
4. gênero: as mulheres ditongam mais do que os homens.

Vale lembrar que, enquanto o processo de palatalização é bastante difundido entre os falantes da nossa amostra, ocorrendo em 66% dos casos, a ditongação não é muito recorrente, com apenas 38% de aplicação, o que nos permite dizer que esses informantes preferem a variante 'monotongo'.

O referencial teórico a partir do qual baseamos nossa análise foi a Fonologia da Geometria de Traços. A partir da estrutura dos segmentos sibilantes /s, z, ʃ, ʒ/, podemos ver que as consoantes palatalizadas apresentam uma articulação secundária representada pela presença do nó vocálico. A realização palatalizada ou não do arquifonema /S/ depende dessa articulação, isto é, o desligamento do nó vocálico resulta na consoante alveolar simples /s, z/. Segundo Bisol (1994), essa articulação está presente na forma subjacente do arquifonema e pode se manifestar foneticamente ou não. A presença dessa articulação na forma subjacente também nos ajuda a entender como é possível a ditongação em sílabas travadas tanto por [s, z] quanto [ʃ, ʒ]: trata-se do espraçamento do nó vocálico que, para dar conta da palatalização, é coronal e, assim, oferece condições para a formação do glide [j]. Ainda de acordo com a mesma autora, o glide originado nesse processo ocorre somente em nível melódico, isto é, manifesta-se apenas foneticamente e o ditongo não existe na forma subjacente da palavra.

Analisando os nossos dados com base no referencial teórico proposto, nos demos conta de que a questão articulatória, o detalhe fonético, tem um papel muito

importante nesses processos. Vimos que a palatalização parece ocorrer no sentido de enfatizar semelhanças, já que contextos dorsais e labiais foram os que mais favoreceram a aplicação da regra. Os primeiros favorecem a retração e a elevação do corpo da língua, necessários para a palatalização da sibilante /S/. Os contextos labiais apresentam em comum com a consoante palato-alveolar a protusão labial. Já o processo de ditongação parece estar ocorrendo no sentido de enfatizar as diferenças articulatórias, uma vez que o contexto seguinte favorecedor é aquele em que a articulação secundária, do qual surge o glide, através de um processo de espraçamento, não está presente na realização fonética. Concluimos ainda, a partir de testes estatísticos, que as variáveis palatalização e ditongação estão associados: quando há a palatalização, o falante prefere usar o monotongo.

Em relação ao nosso último objetivo – a comparação com o trabalho de Brescancini (1996) referente à palatalização do arquifonema /S/ – constatamos que há diferenças na aplicação da regra conforme o estilo: em estilo mais formal, no caso a leitura, a variante palato-alveolar ocorreu em menor porcentagem do que no estilo informal, ou seja, na fala espontânea. Isso pode ser um indício de que a variante seja estigmatizada pelos falantes de Florianópolis (considerando a nossa amostra). Corroboram para essa suspeita o fato dos fatores sociais ‘mais de 8 anos de escolaridade’, ‘gênero feminino’ e ‘de 15 a 25 anos’ não favorecerem a aplicação da regra, conforme discutido no decorrer das análises. No entanto, convém frisar mais uma vez que é preciso um levantamento maior e um estudo mais aprofundado para podermos fundamentar tal suspeita. Temos que considerar que a nossa amostra foi bastante pequena, de apenas 24 pessoas, o que, em termos de estatística, implica uma margem de erro bastante grande.

Assim concluímos nossa pesquisa e esperamos ter, de alguma forma, contribuído para o entendimento dos fenômenos da palatalização e da ditongação como fenômenos de variação fonológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Maria Porto de. Ditongos variáveis no sul do Brasil. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 101-106, set. 2005.

AQUINO, Maria de Fátima. Uso variável do ditongo em contexto sibilante. In: HORA, Demerval da (Org). **Estudos Sociolingüísticos**: perfil de uma comunidade. Santa Maria: Palloti, 2004. p. 45-54.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral**. São Paulo: Cia Editora Nacional, EDUSP, 1989 (título original, 1963)

BHAT, D. N. S. A general study of palatalization. In: GREENBERG, J. S. (Org) **Universals of human language**. Stanford, Califórnia: Stanford University Press. p. 47-92. (Phonology, v. 2), 1978.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva atual. **D.E.L.T.A.** São Paulo, vol. 5, n. 2, p. 185-224. 1989.

_____. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.** São Paulo, vol. 10, n. especial, p. 123-140, 1994.

BRESCANCINI, Cláudia. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis**. 1996. 219f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Lingüística) – Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Florianópolis, 1996.

_____. A palatalização da fricativa em posição de coda no dialeto florianopolitano: variáveis lingüísticas. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisele (Orgs). **Teoria Lingüística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003a. p. 291-326.

_____. A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. **Revista Letras**. Curitiba, n. 61, edição especial, p. 299-310, 2003b.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Fonologia do Português**: análise pela geometria de traços. Campinas: Edição do Autor, 1998, v. 2. Série Lingüística.

CALLOU, Dinah; MARQUES, M. O –s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. **Littera**, n. 14, p. 9-137, 1975.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálico: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, Suzana A. Marcelino (Org). **Diversidade lingüística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1995. p. 133-147.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Problemas de Lingüística Descritiva**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CARUSO, Raimundo C. **Vida e cultura açoriana em SC: 10 entrevistas com Franklin Cascaes**. Florianópolis : Edições da Cultura Catarinense, 1997. 118 p.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The sound patter of English**. New York: Harper, 1968.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. **Phonological Yearbook**. N. 2, p. 225-252, 1985.

_____. **A unified set of features for consonants and vowels**. Unpublished ms., Cornell University, Ithaca, New York, 1989.

_____. Vowel Height Assimilation in Bantu Languages. In: **Proceedings of the Special Session on African Language Structure**. Barkeley Linguistic Society, Univ. of California, Berkeley, 1991, p. 25-64.

CLEMENTS, G. & HUME, Elizabeth V. **The internal organization of speech sounds**. Unpublished ms. University of Cornell, 1993.

CORRÊA, Cíntia da Costa. **Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /S/ pósvocálico**. Dissertação de Mestrado. UnB: DF, 1998.

FOLEY, James. **Foundations of theoretical Phonology**. Oxford: Cambridge University Press, 1977.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Influência açoriana no português do Brasil em SC**. Editora da UFSC: Florianópolis, 1989

GOLDSMITH, John. **Autossegmental Phonology**. Bloomington, IULC, 1976.

GREYNER, Helena e MACEDO, Alzira. La prononciation du s pos-vocalique: deux processus de changement liguistique em portugais. In: SANKOFF, David e CEDEGREN, Henrietta (eds). **Variation Omnibus**. Canada, Linguistic Reseach Inc., 1981, p. 135-149.

GUY, Gregory. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history**. 391f Ph. D Dissertation. University of Pennsylvania, 1981, mimeo.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia. A geometria dos traços na representação das palatais na aquisição do Português. **Letras de Hoje**. Porto alegre, v. 29, n 4, p. 159-167, dez. 1994.

_____. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (org). **Introdução a estudos de fonologia do português**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 47-66.

HOOPER, Joan B. **An introduction to natural generative phonology**. New York: Academic Press, 1976.

HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs). **Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 69-89.

HUGHES, George W. & HALLE, Morris. (1956) Spectral properties of Fricative Consonants. **The journal of the acoustical society of America**. v. 28, n. 2, p. 303-310, março, 1956.

JESUS, Luís Miguel Teixeira.. **Analysis of Portuguese Fricative Consonants**. 70f. Mini Thesis- Department of Electronics and Computer Science , University of Southampton, 1999.

LABOV, William. **Modelos sociolingüísticos**. Madri: Ediciones Cátedra, 1983 - Tradução de José Miguel Marinas Herreras de **Sociolinguistic Patterns**, Philadelphia, University of Pensylvania Press, 1972.

LACERDA, Francisco P. Acoustic perceptual study of the Portuguese voiceless fricatives. **Journal of Phonetics**. London, v. 10, p. 11-22. 1982.

LADERFOGED, P & MADDIESON, I. **The sounds of the world's language**. Oxford, Blackwell, p. 137-181, 1993.

LEIRIA, Lúcia Lovato. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. **Organon**. Porto Alegre: UFRGS, v. 14, n. 28 e 29, 2000.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. Processos em curso no português do Brasil: a ditongação. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisele (Orgs). **Teoria Lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 232-250.

MELLO, Vera Helena Dentee. **Formação de ditongos em sílaba travada por /S/ na linguagem coloquial gaúcha**. Dissertação de Mestrado em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

MONARETTO, Valéria; QUEDNAU, Laura Rosane; HORA, Demerval da. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (org). **Introdução a estudos de fonologia do português**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 195-228.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. **Constritivas implisivas na norma culta brasileira: alveolares ou palatais?** Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxia Românicas. Universidade de Santiago de Compostela, 1994. p. 671-679.

NARO, Anthony Julius. **Estudos diacrônicos**. Petrópolis: Vozes, 1973. 165p.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. **Cadernos de Linguística e teoria da Literatura**. Belo Horizonte, UFMG, v. 7, p. 71-89, dez. 1982.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Supressão das semivogais nos ditongos crescentes. In: SILVA, Gisele M. de Oliveira, SCHERRE, Maria M. Pereira (Orgs). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis na cidade do Rio de Janeiro**. Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. Tempo Brasileira: Rio de Janeiro, 1996. p. 219-333.

PEREIRA, Nereu da Vale. **Ribeirão da Ilha: vida retratos**. Um distrito em destaque. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1991.

_____. **Contributo açoriano para a construção do mosaico cultural catarinense**. Florianópolis: Papa-livro Editora, 2003. 287 p.

RUSSO, Iêda. & BEHLAU, Mara. **Percepção da fala: análise acústica do português brasileiro**. São Paulo : Editora Lovise científica, 57p. 1993.

SANTOS, E. M. **A transmissão ao educando de crenças e atitudes lingüísticas**. 1980. Tese de Doutorado. UFRJ, Rio de Janeiro, 1980.

SANTOS, M. T. **Uma análise espectrográfica dos sons fricativos surdos e sonoros do português brasileiro**. Monografia de especialização. Escola Paulista de Medicina. 1987.

SHADLE, Christine H. Modelling the noise source in voiced fricatives. **Proceedings of the 15th International congress on Acoustics (ICA 95)**. Trondheim, Norway, p. 145-148, 1995.

SCHERRE, Maria Marta P.; MACEDO, Alzira V. Tavares. **Phonetic and lexical effects: pos-vocalic –s in Rio de Janeiro Portuguese**. NWAVE XXV, 1996. Mimeo.

_____. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In: MOLLICA, M.C. , MARTELOTTA, M. E. **Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, P.52-64.

SILVA, Fabiana de Souza. O processo de monotongação em João Pessoa. In: HORA, Demerval da (Org). **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma comunidade**. Santa Maria: Palloti, 2004. p. 29-43.

SILVA, Giselle Machline de O. e. Visão de conjuntos das variáveis sociais. In: SILVA, Gisele M. de Oliveira, SCHERRE, Maria M. Pereira (Orgs). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis na cidade do Rio de Janeiro**. Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. Tempo Brasileira: Rio de Janeiro, 1996.

SILVA, Thaís Cristófar. **Exercícios de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Editora Ática, 1986. Série Princípios.

TASCA, Maria. A inserção de glide em sílaba travada por /S/. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 137-162, set. 2005.

WETZELS, Leo. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. 23. Unicamp, Campinas, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CORPUS²⁰

1. Posição na sílaba diante de diversos contextos

Em posição medial

Diante de oclusivas

1.1.1.1. Bilabiais:

João quebrou o **esp**elho

Ele ficou três dias no **hosp**ital.

O casaco está **desb**otado.

Ele vive **bisb**ilhotando.

O **asp**irador de pó é novo.

Ele vive em **Lisb**oa

1.1.1.2. dentais

Ele tem cabelos **cast**anhos.

Ele gosta de **hist**ória.

Sexta é dia de festa.

Ele está aqui **desd**e ontem.

Ele trata a todos com **desd**ém.

Ele **desd**obrou tudo.

1.1.1.3. Velares

Ele é **fisc**al da receita.

Vou de ônibus para a **esc**ola.

Ele anda **desca**lço pela praia.

Ela **rasg**ou o papel.

²⁰ Uma mesma frase serviu para diferentes contextos, de modo que elas aparecem repetidas no *corpus*. No entanto, para as gravações, cada frase foi lida apenas uma vez para pelos informantes.

Ele foi **fisgado**.

Ele é vesgo.

1.1.2. Diante de fricativas

Precisamos fazer um **desvio**.

O **asfalto** passa aqui.

Ele **esvaziou** a caixa.

Esse som é **desvozeado**.

O **desfecho** da história é emocionante.

Seu **disfarce** é muito bom.

1.1.3. Diante de nasais:

Eu vi um **cisne**.

Jasmim é minha flor preferida.

Participei do **batismo** dele.

Ele sempre diz a **mesma** coisa.

Ele quebrou a **bisnaga**.

Ele tem dois **bisnetos**.

1.1.4. Diante de líquidas

Israel é um país pequeno.

Ele **desrespeita** as leis.

Ela **desligou** a televisão.

Ele é **desleal**.

Ele **vislumbrou** o futuro.

1.2. Em posição final:

1.2.1. Final absoluta

Ele é **capaz**.

Ele usa óculos.

Ele ascendeu a luz.

Gosto de comer arroz.

A xícara está em cima do pires.

Ele é mestre em xadrez.

1.2.2. Final não absoluta diante de consoante.

Eu vou de ônibus para a escola.

Ele tem dois bisnetos.

Ele diz ter te magoado.

Ele ficou três dias no hospital.

O rapaz que vi saiu.

O freguês gosta disso.

1.2.3. Final não absoluta diante de vogal

Ele sempre diz isso.

O ônibus está quebrado.

Ele vai ficar mais uma hora.

Já são seis horas.

Ele tem maus hábitos.

Ele diz o que pensa.

Arroz é seu prato preferido.

2. Contexto antecedente

2.1. Após vogais labiais /o,u, ɔ/

Ele viu uma mosca.

Arroz é seu prato preferido.

Ele sente dor nas costas.

O **cosmos** é infinito.

O **custo** foi elevado.

Ando de **ônibus**.

2.2. Após vogais coronais /e, i, ε/

Ela é **lésbica**.

Ele é mestre em xad**rez**.

Eu vi um **cisne**.

Seu **disfarce** é muito bom.

Ele é **vesgo**.

Ele anda **descalço** na praia.

2.3. Após da vogal dorsal /a/

Ele usa uma **máscara**.

O menino está de **castigo** até amanhã.

O **asfalto** passa por aqui.

O **aspirador** de pó é novo.

Jasmim é minha flor preferida.

Ele **rasgou** o papel.

2.4. Após a semivogal /j/

Ele tem **dois** bisnetos.

Volto **depois**.

Ele vai ficar **mais** uma hora.

Já são **seis** horas.

Ele trabalha no **cais**.

2.5. Após a semivogal /w/

Ele tem **maus** hábitos.

A soda cá**ust**ica é perigosa.

Ele acredita em De**us**.

Se**us** bens foram confiscados.

2.6. Após nasais

Um **ins**tante, por favor.

Ele é um **mon**stro.

A **trans**formação dele foi grande.

Há alg**uns** dias atrás aconteceu um acidente.

Seus **bens** foram confiscados.

3. Tonicidade

3.1. Sílabas tônicas

Sexta é dia de **festa**

Ele está aqui **des**de ontem.

Ele é **ves**go.

O rap**az** que vi saiu.

O frequê**ns** gosta disso.

Eu vi um **cis**ne.

Participei do **bat**ismo dele.

Ele sempre diz a **mes**ma coisa.

Ele é **cap**az.

Gosto de comer arroz.

Ele viu uma **mos**ca.

Arroz é seu prato preferido.

Ele sente dor nas **cost**as.

O **cos**mos é infinito.

Ela é **lésbica**.

O **custo** foi elevado.

Ele é **mestre** em xadrez.

Ele usa uma **máscara**.

Volto **depois**.

A soda **cáustica** é perigosa.

Ele é um **monstro**.

Há **alguns** dias **atrás** aconteceu um acidente.

3.1.1. Monotongos

Seus bens foram confiscados.

Ele tem **maus** hábitos.

As **leis** têm que ser obedecidas.

Ele trabalha no **cais**.

Ele acredita em **Deus**.

Já são **seis** horas.

Ele vai ficar **mais** uma hora.

Ele tem **dois** bisnetos.

Ele ficou **três** dias no hospital.

Ele **diz** ter te magoado.

Ele sempre **diz** isso.

Ele acendeu a **luz**.

Ele **diz** o que pensa.

3.2. Sílabas átonas

Ele trata a todos com **desdém**

Ela **rasgou** o papel.

Ele é **fiscal** da fazenda

João quebrou o **espelho**.

Ele ficou três dias no **hospital**.

O casaco está **desbotado**.

Ele vive **bisbilhotando**.

O **aspirador** de pó é novo.

Ele vive em **Lisboa**.

Ele tem cabelos **castanhos**.

Ele gosta de **história**.

Ele **desdobrou** tudo.

Ele anda **descalço** pela praia.

Ele foi **fisgado**.

Precisamos fazer um **desvio**.

O **asfalto** passa aqui.

Ele **esvaziou** a caixa.

Esse som é **desvozeado**.

O **desfecho** da história é emocionante.

Ele quebrou a **bisnaga**.

Ele tem dois **bisnetos**.

Vou de ônibus para a **escola**.

Ando de ôni**bus**.

Seu **disfarce** é muito bom.

Jasmim é minha flor preferida.

Seus bens foram **confiscados**.

A **transformação** foi grande.

Um **instante**, por favor.

Ela **desligou** a televisão.

Ele é **desleal**.

Ele **vislumbrou** o futuro.

Israel é um país pequeno.

Ele **desrespeita** as leis.

Vou de ônibus para a **escola**.

Ele usa óculos.

A xícara está em cima do **pires**.

APÊNDICE B – Frases lidas pelos informantes

- | | |
|-------------------------------------|--|
| 1- João quebrou o espelho. | 23-O desfecho da história é emocionante. |
| 2- Ele ficou três dias no hospital. | 24-Seu disfarce é muito bom. |
| 3- O casaco está desbotado. | 25- Eu vi um cisne. |
| 4- Ele vive bisbilhotando. | 26-Jasmim é minha flor preferida. |
| 5- O aspirador de pó é novo. | 27- Participei do batismo dele. |
| 6- Ele vive em Lisboa. | 28- Ele sempre diz a mesma coisa. |
| 7- Ele tem cabelos castanhos. | 29- Ele quebrou a bisnaga. |
| 8- Ele gosta de história. | 30- Ele tem dois bisnetos. |
| 9- Ele está aqui desde ontem. | 31- Israel é um país pequeno. |
| 10- Ele trata a todos com desdém. | 32- Ele desrespeita as leis. |
| 11- Sexta é dia de festa. | 33- Ela desligou a televisão. |
| 12- Ele desdobrou tudo. | 34- Ele é desleal. |
| 13- Ele é fiscal da receita. | 35- Ele vislumbrou o futuro. |
| 14- Vou de ônibus para a escola. | 36- Ele é capaz. |
| 15- Ele anda descalço pela praia. | 37- Ele usa óculos. |
| 16- Ela rasgou o papel. | 38- Ele acendeu a luz. |
| 17- Ele foi fisgado. | 39- Gosto de comer arroz. |
| 18-Ele é vesgo. | 40-A xícara está em cima do pires. |
| 19- Precisamos fazer um desvio. | 41- Ele é mestre em xadrez. |
| 20-O asfalto passa aqui. | 42- Ele diz ter te magoado. |
| 21-Ele esvaziou a caixa. | 43- O rapaz que vi saiu. |
| 22- Esse som é desvozeado. | 44- O freguês gosta disso. |

- 45- Ele sempre diz isso.
- 46- O ônibus está quebrado.
- 47- Ele vai ficar mais uma hora.
- 48- Já são seis horas.
- 49- Ele tem maus hábitos.
- 50- Ele diz o que pensa.
- 51- Arroz é seu prato preferido.
- 52- Ele viu uma mosca.
- 53- Ele sente dor nas costas.
- 54- O cosmos é infinito.
- 55- O custo foi elevado.
- 56- Ando de ônibus.
- 57- Ela é lésbica.
- 58- Ele usa uma máscara.
- 59- O menino está de castigo até
amanhã.
- 60- Volto depois.
- 61- Ele trabalha no cais.
- 62- A soda cáustica é perigosa.
- 63- Ele acredita em deus.
- 64- Seus bens foram confiscados.
- 65- Um instante, por favor.
- 66- Ele é um monstro.
- 67- A transformação dele foi
grande.
- 68- A alguns dias atrás aconteceu
um acidente.

APÊNDICE C – Ficha dos informantes

Informante nº 1

Nome: Michele Silva

Idade: 23 anos

Profissão: Estudante de direito

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 23 anos

Anos de escolaridade: Superior incompleto

Filiação: descendência dos pais: Origem açoriana, nascidos na Freguesia do Ribeirão

Obs: Tem contato com muitas pessoas que não são da localidade por estudar na Ufsc.

Informante nº 2

Nome: Carlos Roberto da Costa Júnior

Idade: 16 anos

Profissão: estudante

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 16 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (3ª série do ensino médio)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos na Freguesia

Obs:

Informante nº 3

Nome: Geni Maria da Silveira

Idade: 59 anos

Profissão: dona de casa

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Iha

Tempo em que vive na localidade: 59 anos

Anos de escolaridade: 7 anos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos na Freguesia

Obs:

Informante nº 4

Nome: Genice Maria dos Santos Costa

Idade: 54 anos

Profissão: funcionária pública – bibliotecária da escola da localidade

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 54 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (Ensino Médio completo)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos na Freguesia

Obs: Ficou bastante tensa na hora da leitura

Informante nº 5

Nome: Fernando José Althoff

Idade: 53 anos

Profissão: funcionário público aposentado

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 40 anos (morou alguns anos no centro)

Anos de escolaridade: mais de 9 (superior completo)

Filiação: descendência dos pais: mãe de origem açoriana, nascida na Freguesia, pai de origem alemã.

Obs: Formado em Geografia

Informante nº 6

Nome: Mirian Dalva Ferreira

Idade: 21 anos

Profissão: Técnica em enfermagem

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 21 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (Ensino Médio e curso técnico em Enfermagem)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos na Freguesia

Obs: Fez o curso técnico no centro de Florianópolis, mas trabalha na localidade

Informante nº 7

Nome: Nilton Artur Lopes

Idade: 28 anos

Profissão: motorista

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 28 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (Ensino Médio completo)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos na Freguesia

Obs:

Informante nº 8

Nome: Neusa Albertina Mendes

Idade: 37 anos

Profissão: manicure

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 37 anos

Anos de escolaridade: 7 anos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos na Freguesia

Obs:

Informante nº 9

Nome: Rosiléia Ferreira Lemos

Idade: 41 anos

Profissão: dona de casa

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 41 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (Ensino Médio completo)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos na Freguesia

Obs:

Informante nº 10

Nome: Cristina Henriqueta Mendes Alves

Idade: 33 anos

Profissão: dona de casa

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 33 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (Ensino Médio completo)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos na Freguesia

Obs:

Informante nº 11

Nome: Sérgio José Pinheiro

Idade: 37 anos

Profissão: funcionário público e criador de mariscos

Local de nascimento: Freguesia do Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 37 anos

Anos de escolaridade: 8 anos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos na Freguesia e na Palhoça.

Obs:

Informante nº 12

Nome: Catarina da Silva Quadra

Idade: 48 anos

Profissão: auxiliar de crê creche

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 38 anos

Anos de escolaridade: 8 anos incompletos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs: Morou 10 anos no centro

Informante nº 13

Nome: Macário da Silva

Idade: 75 anos

Profissão: militar aposentado

Local de nascimento: Paulo Lopes

Tempo em que vive na localidade: chegou aos 24 anos

Anos de escolaridade: 4 anos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos em Paulo Lopes.

Obs:

Informante nº 14

Nome: Dilza Maria Ferreira

Idade: 65 anos

Profissão: cozinheira (trabalha na Ufsc)

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 65 anos

Anos de escolaridade: 6 anos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs:

Informante nº 15

Nome: Douglas Onório Martins

Idade: 16 anos

Profissão: estudante

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 16 anos

Anos de escolaridade: 8 anos incompletos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs:

Informante nº 16

Nome: Milton Hermínio Martins

Idade: 60 anos

Profissão: funcionário público aposentado

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 60 anos

Anos de escolaridade: 6 anos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs:

Informante nº 17

Nome: Adilson Martins

Idade: 28 anos

Profissão: técnico em refrigeração

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 28 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (Ensino Médio completo)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs:

Informante nº 18

Nome: Osvaldo Manuel de Orleans

Idade: 56 anos

Profissão: funcionário público

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 56 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (Ensino Médio completo)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs:

Informante nº 19

Nome: Maria Lúcia Martins

Idade: 23 anos

Profissão: garçonete

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 23 anos

Anos de escolaridade: 7 anos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs:

Informante nº 20

Nome: Débora Souvenir da Silva

Idade: 50 anos

Profissão: professora

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 50 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (superior completo – Pedagogia)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs:

Informante nº 21

Nome: Claudete Araújo

Idade: 24 anos

Profissão: dona de casa

Local de nascimento: Governador Celso Ramos

Tempo em que vive na localidade: desde os 4 anos

Anos de escolaridade: 8 anos incompletos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos em Governador Celso Ramos

Obs:

Informante nº 22

Nome: Alécio Braz

Idade: 46 anos

Profissão: criador de mariscos e ostras

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 46 anos

Anos de escolaridade: 8 anos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs:

Informante nº 23

Nome: Sidney Espindola

Idade: 23 anos

Profissão: auxiliar administrativo

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 23 anos

Anos de escolaridade: mais de 9 (Ensino Médio completo)

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs: Não trabalha na localidade, trabalha no centro

Informante nº 24

Nome: Alexandre Gava Menezes

Idade: 22 anos

Profissão: vendedor

Local de nascimento: Ribeirão da Ilha

Tempo em que vive na localidade: 22 anos

Anos de escolaridade: 8 anos

Filiação: descendência dos pais: origem açoriana, nascidos no Ribeirão da Ilha

Obs: